

**fato<sup>3</sup>**  
e razão

# fato e razão

*Edição Movimento Familiar Cristão*

**Equipe de Redação deste número**

José e Beatriz Reis  
Selma e Helio Amorim

**Supervisão Técnica**

DRAF - Instituto Brasileiro da Família

**Arte e Diagramação**

Maria Cristina de Amorim Gonçalves

**Composição**

Sônia Moreira Bernardo

**Coordenação de Editoria**

SENFOR - Secretariado Nacional de  
Formação - MFC

**Realização**

CONDIN - Conselho Diretor Nacional  
Manoel e Elmira Santos  
Otávio Henrique e Celice Aguiar  
Antonio e Renita Aligayer  
Selma e Helio Amorim

**Distribuição**

CONDIR - Norte  
R. Tiradentes, 887 - Macapá  
CONDIR - Nordeste  
R. Rio S. Pedro, 3/601 - Salvador  
CONDIR - Centro  
R. Des. Saul Gusmão, 80 - Rio  
CONDIR - Sul  
R. Dr. Timóteo, 429 - Porto Alegre

**Produção Gráfica**

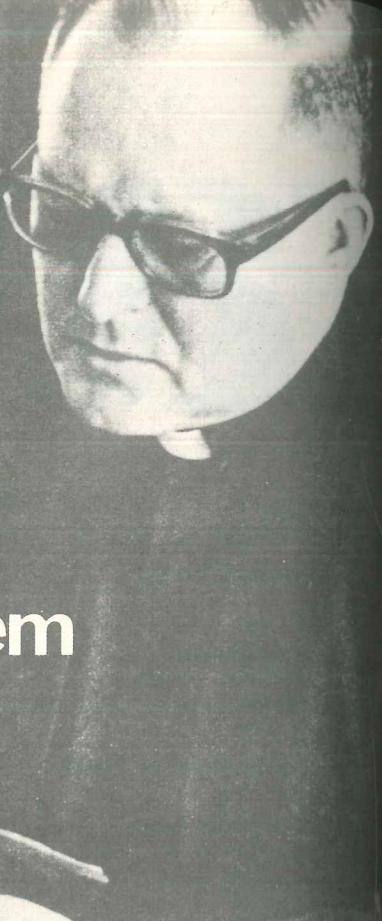
Armando Amorim Publicidade  
Av. Pres. Vargas, 590 - s/2106 - Rio

**SUMÁRIO**

exigências cristãs de uma ordem política . . . . .	2
recado ao leitor . . . . .	12
sonha, dorme pouco e é mão para toda obra . . . . .	14
amor, a única resposta . . . . .	18
quanto ganha você? . . . . .	26
"rango" — de edgar vasques	
o medo das mudanças: reações . . . . .	28
uma visão falsa da sexualidade . . . . .	34
isto só sabe quem vive no campo . . . . .	39
a mulher casada exige liberdade . . . . .	42
uma família invejada . . . . .	50
a música de chico . . . . .	58
algumas perguntas incômodas . . . . .	60
roteiros para reuniões . . . . .	61
meu filho é um problema . . . . .	62
quem tudo quer . . . . .	66
amor e "amor": três histórias . . . . .	68
depois de um dia duro . . . . .	70
escreve o leitor . . . . .	72

# exigências cristãs de uma ordem política

Por ocasião do 25º aniversário da CNBB, no décimo aniversário da **Populorum Progressio**, reunidos em nossa 15a. Assembléia-Geral, nós bispos do Brasil, como Pastores do Povo de Deus, muito embora reconhecendo nossas limitações e fraquezas, sentimo-nos no direito e no dever de fazer chegar nossa palavra a esse mesmo Povo, porque todos somos chamados a construir uma Nação sempre mais justa, sempre mais fraterna, e, por isto mesmo, sempre mais cristã. Em outros



Documento aprovado pela XV Assembléia Geral da CNBB, Itaici, 8 a 17 de fevereiro de 1977.

momentos difíceis temos nos proposto. Também agora julgamos devido pronunciar-nos, enunciando princípios éticos e cristãos que possam ilustrar e orientar o encaminhamento de soluções cristãs para problemas que preocupam o nosso país. Pastores da Igreja, pretendemos apenas que nossas palavras, inspiradas unicamente pelo amor que nos une a Deus e em Dele, manifestem os seus frutos pelo amor e pela fraternidade. No desempenho de sua missão, a exemplo de Jesus, a Igreja cristã tem que se comprometer com todos

## A SALVAÇÃO INAUGURADA POR CRISTO

"O próprio Verbo Encarnado... encontrou, como homem perfeito, na história do mundo assumindo-a e recapitulando-a... O seu Reino já está presente em mistério aqui na terra. Chegando o Senhor, ele se consumará" (G. S., nº 38, 39).

1. Comunicando-se aos homens de muitas maneiras, Deus o fez principalmente através de seu próprio Filho (Hb 1,1-2), que se tornou nosso irmão. O mistério da Encarnação confere assim, a todos os homens, sem discriminação, uma dignidade nova e inalienável: todos são chamados a um destino eterno, prefigurado na Ressurreição de Jesus.

2. Pela presença de Cristo Jesus na História humana, toda ela assume o sentido pleno de realização do designio salvador de Deus. A salvação torna-se, deste modo, a única ordem real. A partir dela, todo mal é pecado ou consequência do pecado, e todo bem é fruto da graça. Toda ação humana tem, assim, uma referência objetiva à salvação.

## A MISSÃO DA IGREJA

"No campo social a Igreja sempre teve uma dupla preocupação: iluminar os espíritos... e entrar na ação para difundir as energias do Evangelho". (Oct. Adv., nº 48).

3. Jesus mandou que a Igreja anunciasse e promovesse a salvação. Em plenitude ela será vivida na casa do Pai. Mas já deve começar aqui na terra a manifestar os seus frutos pelo amor e pela fraternidade. No desempenho de sua missão, a exemplo de Jesus, a Igreja cristã tem que se comprometer com todos

os homens, especialmente com os pobres (Mt 11, 5; Lc 4, 18), cuja situação de miséria é eloquente testemunho do pecado que se instala no coração do homem, contaminando toda a sua vida individual, familiar e social (G. S., nº 13).

4. Realizando a sua missão, a Igreja busca orientar-se pelos critérios da Fé, que complementam os postulados da razão e natureza humana. Mostra o sentido último do homem e do mundo à luz da Ressurreição de Cristo, manifestação definitiva do sentido da História. Para a Igreja, a Fé deve ordenar toda a vida do homem e todas as suas atividades, também as que se referem à ordem política.

5. A ordem política está sujeita à ordem moral. A Igreja, iluminada pela Fé, procura definir com sempre maior clareza as exigências que da ordem moral decorrem para a ordem política. Nós, Pastores, temos consciência de não estarmos exorbitando de nossa missão, quando proclamamos estas exigências e exortamos os cristãos a assumirem sua função específica na construção da sociedade de acordo com estes princípios.

6. Salvaguardando a legítima autonomia das realidades terrestres, sabemos que não nos compete agir diretamente sobre as estruturas, mas iluminá-las e formar a consciência dos homens. Temos a convicção de cumprir um dever e prestar um serviço, formulando as exigências morais, indicando as contradições entre essas exigências e a realidade e, sem pretender fazer um balanço crítico da mesma, alertar para os riscos, estimular o que há de bom e positivo, encorajando o esforço de todos os que se empenham na realização de modelos cada vez mais adequados àquelas exigências.

## O HOMEM SER SOCIAL

"Ser social, o homem constrói o seu destino numa série de grupos particulares... que reclamam uma sociedade mais ampla... a sociedade política" (Oct. Adv., nº 24).

7. O homem, criado por Deus, é um ser naturalmente social. Precisa associar-se a seus semelhantes para criar os bens indispensáveis ao seu desenvolvimento normal.

8. Alguns destes bens lhe são garantidos pelo grupo familiar ou sociedade doméstica; outros lhe são garantidos pelas mais diversas instituições ou formas de associação por ele livremente criadas para responderem às suas necessidades de natureza econômica, social, cultural e religiosa.

## A ORIGEM DA SOCIEDADE POLÍTICA

9. Além destas necessidades específicas, as pessoas, as famílias, as instituições experimentam urgentes necessidades de caráter mais geral, como a necessidade de paz baseada na justiça, de segurança, de ordem e de estímulo para o desempenho normal de suas atividades em vista do bem comum.

10. Para atender a estas necessidades de caráter mais geral, os homens associam-se em comunidades mais amplas e criam a sociedade política, representada pelo Estado responsável, assim, pelo bem comum geral ou pelo bem público dos indivíduos, das famílias e das instituições.

11. O Estado, em sua acepção moderna, como organização da autoridade política, é uma instância relativamente recente na história da evolução

da humanidade; muito antes dela existiam pessoas humanas, famílias, instituições, com deveres e obrigações definidas e com direitos naturais e inalienáveis.

## OS MODELOS

"Diversos modelos de uma sociedade democrática já foram experimentados. Nenhum deles satisfaz plenamente a busca continua". (Oct. Adv., nº 24)

12. Nenhum modelo é perfeito e definitivo; por isso, todos são queríveis e precisam ser continuamente aperfeiçoados. Impede-se o diálogo autêntico quando os regimes se prendem inquestionáveis e repelem qualquer reformas além daquelas promovidas por mesmos outorgadas. A Igreja não pode, assim, aceitar a acusação de missão indébita ou de subversão, quando, no exercício da missão evangelizadora, denuncia o pecado, questionando aspectos éticos de um sistema ou modelo e alerta contra o perigo de um tema vir a se constituir a própria razão de ser do Estado.

13. A Igreja, pela sua hierarquia, não se atribui funções que não competem, nem propõe estratégias ou modelos alternativos, mas anuncia princípios básicos visando o aperfeiçoamento dos modelos. Em torno, a fé não pode ser instrumentalizada a serviço de uma ideologia cristianismo reduzido a um fenômeno cultural, em nome de cujos valores pretenda falar para justificar doutrinas que lhe são alheias, ideologias ou dogmas.



## DIREITOS E DEVERES DO ESTADO

"O poder político... deve ter como finalidade a realização do bem comum no respeito às legítimas liberdades dos indivíduos, das famílias e dos grupos subsidiários" (Oct. Adv., nº 46).

14. Não é o Estado que outorga esses direitos às pessoas, às famílias e aos grupos intermediários. Ao Estado, como instituição fundada na própria natureza social dos homens, compete a realização de um bem comum que, isoladamente, não poderiam alcançar e que constitua, portanto, a própria razão de ser do Estado.

15. No nível dos fins, o Estado ordena-se à pessoa. Essa, como sujeito de direitos naturais inalienáveis, é origem, centro e fim da sociedade. No nível da execução deste fim, as pessoas subordinam-se ao Estado, que dispõe de autoridade para urgir a colaboração de todos no esforço comum. Em virtude

desta autoridade, que tem sua justificação nos planos de Deus, sendo o homem "por sua natureza íntima, um ser social" (G. S., nº 12), o Estado pode de tudo aquilo e só aquilo que é exigido e útil para a realização do bem comum.

16. É dever do Estado respeitar, defender e promover os direitos das pessoas, das famílias e das instituições. Toda ação exercida sobre elas pelo Estado deve fundar-se no direito que deriva de sua responsabilidade pelo bem comum.

17. É nesse direito que se funda a força da autoridade do Estado. Toda força exercida à margem e fora do direito é violência. Um Estado de direito se caracteriza, pois, por uma situação jurídica estável, na qual as pessoas, as famílias e as instituições gozam de seus direitos e têm possibilidades concretas e garantias jurídicas eficazes para defendê-los e reivindicá-los legalmente.

18. Assim como a Igreja deve respeitar os direitos naturais e inerentes ao Estado legitimamente constituído, igualmente o Estado tem o dever de respeitar a liberdade religiosa das pessoas, bem como o direito divino que a Igreja tem de anunciar o Evangelho sem constituir-se em árbitro da ortodoxia da doutrina por ela anunciada.

## DEVERES DAS PESSOAS PARA COM O ESTADO

"Entre os deveres de todos os cidadãos é preciso lembrar o dever de prestar à nação os serviços... exigidos pelo bem comum" (G. S. nº 75).

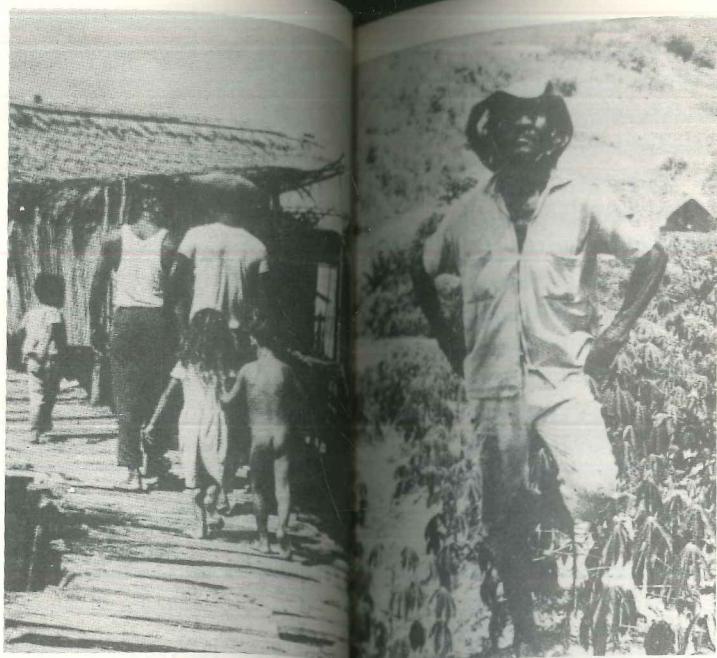
19. Em correlação com seus direitos, e na medida em que eles forem assegurados pelo Estado, as pessoas e os grupos têm também deveres cívicos e morais para com a comunidade política, representada pelo Estado: tais deveres se exprimem em todas as justas prestações, exigidas pelo Estado para a realização do bem comum, tais como: os deveres políticos, os deveres fiscais e o reconhecimento das autoridades legitimamente constituídas e consequente obrigação de respeito e obediência às mesmas. Não pode, porém, o Estado impor deveres que ferem direitos fundamentais da pessoa humana.

## O BEM COMUM

**"O bem comum compreende o conjunto das condições de vida que permitam aos homens, às famílias e às instituições conseguir... a própria perfeição".** (G. S., nº 74).

20. O bem comum é o conjunto de condições concretas que permitem a todos atingir níveis de vida compatíveis com a dignidade humana. Assim, a característica essencial do bem comum é, precisamente, que seja comum a todos, sem discriminações culturais, sociais, religiosas, raciais, econômicas, políticas ou partidárias.

21. De acordo com o princípio da subsidiariedade, compete ao Estado promover os grupos intermediários e não se substituir a eles, nem limitar-lhes as iniciativas que não são contrárias ao bem comum. Sem a mediação das instituições, as pessoas ficariam facilmente expostas ao arbítrio do Esta-



do, que, assim, ou destruiria as instanças ou as reduziria à condição de através de situações que favorecem aos beneficiários privilegiados do despojamento, da paciência e da miséria dos outros. Ser marginalizado é ser mantido fora, à margem; é receber um salário injusto, é ser privado de instrução,

## A MARGINALIZAÇÃO COMO ATENDIMENTO MÉDICO, DE CRÉDITO; É HABITAR EM BARRACAS, É SER PRIVADO DA TERRA POR ES

**"Não é lícito aumentar a riqueza das futuras agrárias inadequadas e injuriosas e o poder dos fortes, confirmar. Ser marginalizado é, sobretudo, do a miséria dos pobres e tornar-se poder libertar-se destas situações. maior a escravidão dos oprimidos. O marginalizado é não poder participar livremente do processo de criatividade que forja a cultura original de**

22. A existência, em vastas regiões, é de representatividade eficaz, para da não realização do bem comum chegar aos centros decisórios as entre outras causas, a marginalizar suas necessidades e aspirações; é tende a crescer na medida em que contemplado, não como sujeito de grandes decisões são tomadas em direitos, mas como objeto de favores ção dos interesses de classes ou grupos organizados na medida necessária à re e não em função dos interesses de tutela das reivindicações; é ser mani culado pela propaganda. Ser marginado é não ter possibilidade de par

ticipar. É ser privado do reconhecimento da dignidade que Deus conferiu ao homem.

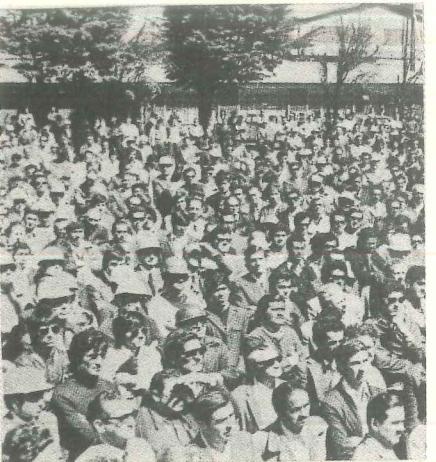
24. A correção destes males, que não são novos, é tarefa não só dos poderes públicos como de todas as instituições que possam contribuir para a educação do povo.

## A PARTICIPAÇÃO

**"Uma dupla aspiração do homem se exprime cada vez mais viva, na medida em que ele desenvolve sua informação e educação: aspiração à igualdade e aspiração à participação, duas formas de dignidade do homem e de sua liberdade".** (Oct. Adv., nº 24).

25. Estimular a participação consciente e responsável no processo político, social, cultural e econômico é um dever primordial do Estado. Tal participação constitui um dos elementos essenciais do bem comum e uma das formas fundamentais da aspiração nacional. A educação do povo é um pressuposto necessário para sua participação ativa e consciente na ordem política. Por sua missão divina, cabe à Igreja o direito e o dever de colaborar nesta tarefa.

26. A participação supõe e exige o direito de se reunir e de constituir associações, bem como o de conferir a essas associações a forma que a seus membros parecer mais idônea à finalidade almejada" (P. in T., nº 23), contanto que não atentem contra o bem comum.



27. A participação política é uma das formas mais nobres do compromisso a serviço dos outros e do bem comum. Ao contrário, a falta de educação política e a despolitização de um povo, e especialmente dos jovens, pela qual fossem reduzidos à condição de simples espectadores ou de atores de uma participação meramente simbólica, prepararia e consolidaria a alienação da liberdade do povo nas mãos da tecnocracia de um sistema.

28. A participação deve ser exercida e aceita com lealdade, mesmo quando, explicitando os anseios do povo e suas necessidades prementes, desempenhe uma função crítica construtiva.

29. A participação, embora diversificada, não pode ser discriminatória, aberta sem restrições a certos grupos e categorias sociais e limitada para outras categorias, como por exemplo às dos estudantes, intelectuais, artistas, operários, lavradores e líderes populares.

30. A liberdade de discussão dos grandes problemas nacionais, dentro do ideal democrático, é uma forma fundamental de participação nas socie-

dades políticas bem ordenadas. Liberdade garante o direito à opção, a possibilidade do debate sobre alternativas do destino de uma nação. Sem esta liberdade, o próprio direito de pensar gera suspeitas de ameaça à ordem pública, tornando-se objeto de ação repressiva. Uma censura arbitrária nesse campo não teria justificativa, exigências do bem comum e levantaria rapidamente, à perda de credibilidade, parte do Estado como poder legal.

31. Só um povo convocado a participar do processo de seu desenvolvimento aceita com dignidade os serviços exigidos, os quais, de outra forma, podem criar tensões e revoltas sociais, com agravamento do citado de violência, de repressão e de corrupção.

32. A participação se exerce através do uso responsável da liberdade, que é um direito inalienável e universal para todos. Este uso não se confunde com a permissividade que deve ser coibida precisamente em nome da verdade e da ordem pública, visto que a permissividade precipita os homens e as famílias em formas degradantes de escravidão moral.

## LIBERDADE E SEGURANÇA

"Trata-se de construir um mundo em que a liberdade não seja uma pura vaidade" (Pop. Progr., nº 47).

33. A segurança é um elemento dispensável do bem comum, na medida em que garante externamente as prerrogativas da soberania nacional, a independência econômica do país, contra interferências indébitas e internamente a tranquilidade social, a sequência normal da vida da nação e o gozo dos direitos fundamentais.

34. A Igreja não contesta o direito do Estado moderno elaborar uma política de segurança nacional. Tal política não colide com o ensinamento da Igreja quando a segurança leva, de fato, a verdadeira PAZ, como consequência positiva da colaboração entre os homens; quando a segurança define seus objetivos através do exercício da participação nacional; quando, enfim, a segurança vem a corresponder,



plenamente, aos imperativos da ordem política e da ordem moral.

35. Ligada à realização do bem comum, a segurança é, essencialmente, um imperativo moral de sobrevivência da nação, que reclama a cooperação consciente de todos os cidadãos. Entretanto, quando, em nome deste imperativo, o Estado restringe, arbitrariamente, os direitos fundamentais da pessoa, subverte o próprio fundamento da ordem moral e jurídica.

36. A segurança não deve ser o privilégio de sistemas, classes, e partidos; é uma responsabilidade do Estado a serviço de todos. Por isso não pode sacrificar direitos fundamentais para garantir interesses particulares.

37. A segurança, como bem de uma nação, é incompatível com uma permanente insegurança do povo. Esta se configura em medidas arbitrárias de repressão, sem possibilidades de defesa, em internamentos compulsórios, em desaparecimentos inexplicáveis, em processos e inquéritos aviltantes, em atos de violência praticados pela valentia fácil do terrorismo clandestino e numa impunidade frequente e quase total.

38. A segurança, como privilégio de um sistema, acabaria por constituir-se em fonte última de direito, criando, alterando e derrogando normas jurídicas em função dos interesses do próprio sistema. Aprofundar-se-ia, assim, um perigoso distanciamento entre o Estado e a nação, entre o Estado identificado com um sistema e a nação não participante, ou cuja participação fosse tolerada na medida em que sirva para fortalecer um sistema. Este distanciamento está na origem de todos os regimes totalitários de direita ou de esquerda, que são sempre a ne-

gação do bem comum, e dos princípios cristãos.

39. Por melhores e mais bem intencionadas que sejam as pessoas que participam em um governo, dificilmente poderão se libertar dos seus princípios ideológicos. Vale a advertência de Paulo VI: "O cristão haurirá nas fontes de sua fé e no ensino da Igreja os princípios e critérios oportunos, para evitar de deixar-se fascinar e depois aprisionar num sistema, cujas limitações e cujo totalitarismo ele se arriscará a ver, só quando é já demasiado tarde, se não se apercebe deles nas suas raízes". (Oct. Adv., nº 36).

## OS REGIMES DE EXCEÇÃO

"Da ordem jurídica desejada por Deus deriva o direito inalienável do homem a uma segurança jurídica protegida contra toda intrusão arbitrária" (Pio XII, Natal, 1942).

40. Toda sociedade política atravessa momentos de crise, que podem ameaçá-la de desintegração. A superação de tais momentos exige, por vezes, regimes de exceção, que reconstituam as condições normais de funcionamento de toda a sociedade. A lógica mesma destas condições exige que a exceção não se torne regra permanente e ilimitada.

41. Quando se inspiram numa visão da ordem social concebida como vitória constante sobre a subversão ou uma incessante revolução interna, tais regimes de exceção tendem a prolongar-se indefinidamente. Perde-se assim de vista que o desenvolvimento integral é que fornece os meios de proteção indispensáveis contra os riscos que ameaçam a ordem pública.

## O DESAFIO DO DESENVOLVIMENTO

"O desenvolvimento não se reduz a um simples crescimento econômico. Para ser autêntico, deve ser integral (Pop. Progr., nº 14).

42. A resposta ao desafio do desenvolvimento resume as exigências concretas do bem comum, para os subdesenvolvidos. Tal resposta impõe obviamente um processo de mudança. Este processo, no entanto, está destinado. Tal preço não é justo quando não há equivalência entre o valor da prestação de cada um e o desenvolvimento ao qual é destinado. O esforço comum e o valor de sua participação na riqueza criada. Não é de todos os homens.

43. O desenvolvimento que responde às exigências do bem comum deve ser integral, não apenas econômico, mas social, cultural e espiritual. A experiência demonstra que o desenvolvimento econômico não traduz necessariamente em desenvolvimento social. O crescimento econômico a qualquer preço determina a concentração da renda em áreas geográficas limitadas e em estratos restritos da população, gerando assim, dentro mesma nação, contrastes de riqueza e miséria que são por si próprios afronta à justiça e à equidade.

47. O desenvolvimento integral, que responde às exigências do bem comum, não se mede apenas pelo crescimento quantitativo de valores mensuráveis; ele se mede também e principalmente por valores qualitativos não contáveis. Um povo se desenvolve quando tem seus direitos respeitados

44. A promoção do desenvolvimento constitui um imperativo que obriga a todos da mesma forma de defesa, como os expressos no que as exigências do bem comum demandam, quando dispõe de sistemas de controle à ascenderância

45. O desafio do desenvolvimento Executivo, quando pode contar impõe sacrifícios que, salvo em nome do respeito à representação das co-exceptionais, não são assumidos. Numa organização das instituições sociais, um regime autoritário, como os Partidos, os sindicatos deferem ao Poder Executivo maiorias universidades; quando seu direito à iniciativa e rapidez de decisão, pode informar e à circulação das idéias

de melhor às urgências do bem comum. Para que tal regime porém não sucumba ao risco de evoluir para regime totalitário, é indispensável que se preservem e respeitem a liberdade e a dignidade dos outros Poderes, do Legislativo e do Judiciário, no desempenho de suas funções constitucionais.

46. Todo desenvolvimento tem um preço social, mas é uma exigência ética indelivável que esse preço seja justo, seja equitativamente distribuído e seja destinado. Tal preço não é justo quando não há equivalência entre o valor da prestação de cada um e o valor de sua participação na riqueza criada. Não é de todos os homens.

48. As decisões políticas não podem ser ditadas por ambições hegemônicas, nem tão pouco se inspirar exclusivamente em interesses egoístas que perdessem de vista os imperativos de uma justiça supranacional. Com efeito, todas as nações do mundo são hoje solidárias num destino comum: ou, estimulando formas sempre mais sofisticadas de consumo e permitindo uma exploração predatória da natureza, caminham para um colapso global; ou decidindo aceitar formas de realização humana a níveis de consumo mais austeros e mais igualitários, garantem a sobrevivência da humanidade.

não é limitado por formas arbitrárias de censura; quando pode escolher com liberdade aqueles aos quais delegue o exercício da autoridade. Desenvolver-se é participar com equidade nos resultados da colaboração de todos, é poder viver na paz e na fraternidade, é poder alimentar esperanças fundadas de um futuro sempre melhor.



## A COMUNIDADE INTERNACIONAL

"O desenvolvimento integral do homem não pode realizar-se sem o desenvolvimento solidário da humanidade". (Pop. Progr., nº 43).

# fato e razão

## recado ao leitor

Cada novo número de FATO renova na equipe que o edita, a inquietante expectativa da imprevisível reação do leitor.

E as amáveis e elogiosas referências, que norteiam e corremos a publicar na última página, apenas firmam que já não nos resta o pudor da modéstia.

Mas não nos garantem ainda, que FATO está realmente questionando as famílias e que se dirigindo-as a reverem suas confortágeis certezas.

Este continua sendo o incômodo objetivo de FATO.

E para que este seja atingido, a equipe da revista persegue, obsessivamente, a linguagem mais acessível à matéria de interesse mais geral e atual. E se preocupa também, na busca de uma apresentação cada vez mais leve e atraente, que convide cada leitor a uma aguçada e atenta leitura, num mundo em que vada vez menos.

E nos arriscamos a introduzir algumas novidades que ampliem o interesse de todos.

No número anterior, iniciamos com o nosso querido e corajoso mestre Alceu Amoroso Lima, uma série de entrevistas com enfoques questionadores sobre as realidades que nos cercam. Neste número, apresentamos uma "entrevista" diferente, com mais de duas centenas de bispos brasileiros. Privilegiados por convite da CNBB, pudemos acompanhar, pessoalmente, durante a sua Assembléia Geral, o lento amadurecimento de um

fundamental análise da situação política na atualidade. Participando dos debates nas mesas-redondas, e dialogando livremente com tantos bispos de todos os recantos do país, tivemos a invejável oportunidade de conhecer melhor, de modo preciso e bastante dramático, as condições reais de vida do nosso povo.

Podemos assim, testemunhar que o documento que publicamos na abertura deste número, é a resposta dos bispos brasileiros sobre quais as exigências cristãs para uma ordem política, fundada num inegável conhecimento das necessidades desse povo.

Trazemos aos nossos leitores um novo e famoso colaborador. Edgar Vasques, o cartunista que Érico Veríssimo elegeu como "o campeão do marginal, o homem que sofre de fome crônica, e que faz no reino do humorismo, o que Josué de Castro fez no da Sociologia, chamando a atenção do mundo para o trágico problema dos famintos".

Submetemos, ainda, outras novidades à apreciação dos leitores: uma proposta de encenação de um sociodrama como motivação de debates e uma seção dedicada à música popular brasileira, cuja riqueza de conteúdo ainda não tem sido suficientemente aproveitada.

Como você receberá esta tentativa de acertar, caro leitor?

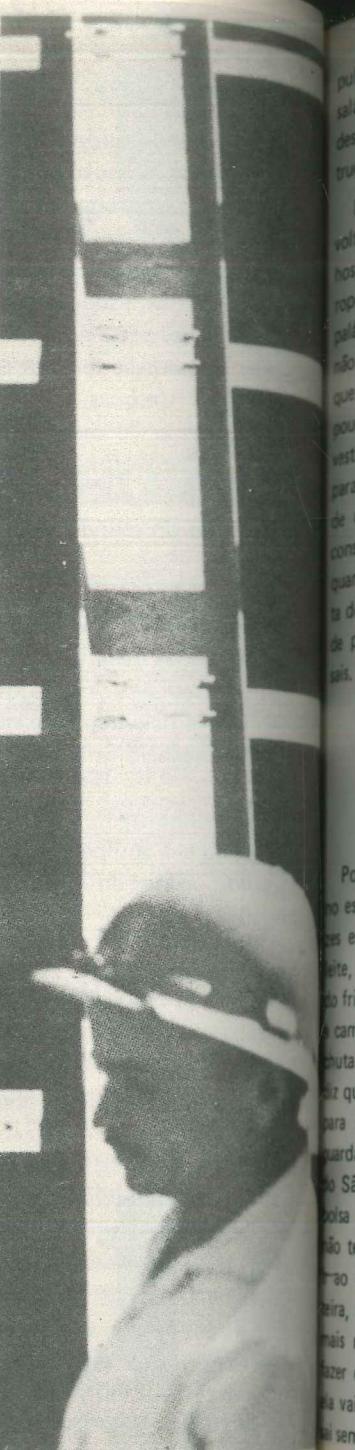
Não tendo conquistado a clarividência nem outros tipos extra-sensoriais, a equipe espera ansiosa a sua carta, disposta a acolher, avidamente, todas as críticas e sugestões de cada leitor.

S. & H.A.

# otusit OÑXSR'I 9)

# sonha, dorme pouco e é mão para toda obra

Humberto Borges



Noventa e cinco por cento da população urbana ganham em média 1,4 salário mínimo por mês. O caso típico desse brasileiro é o operário da construção civil. Quem é ele?

Ele é aquele que constrói tudo à sua volta: as casas, ruas, praças, colégios, hospitais, quartéis, igrejas, fábricas, aeroportos, pontes, estádios, piscinas, palácios, ministérios, cemitérios... e não tem onde cair morto. É o mesmo que não tem onde morar, que tem pouco para comer, quase nada para vestir, muitos filhos para criar, cachaça para beber, loteria para jogar. Trata-se de um cidadão semi-escravizado, inconsciente da própria força, enganado quanto ao seu valor, ignorante por falta de estímulo, alienado e sem chance de progredir: por Cr\$1 mil 76 mensais.

## NEM BEIJO NEM DINHEIRO

Por estes Cr\$1 mil e 76, ele acorda no escuro, lava a cara na bacia, às vezes escova os dentes, toma café sem leite, come pão sem manteiga, reclama do frio, passa glostora no cabelo, veste a camisa poída, calça o sapato gasto, muda o cachorro para fora do barraco, diz que vai perder o trem, liga o rádio para saber a hora, manda a mulher guardar o cartão da Loteria embaixo do São Jorge, bota a marmita numa bolsa de plástico, diz à mulher que não tem dinheiro, ela diz que precisa ao médico, ele responde que é besta, ela explica que vai levar a filha mais nova, que os outros vão à feira fazer carreto, que na volta do médico ela vai à feira ver o que sobrou; e ele sem beijar.

Sem beijar ninguém, por Cr\$1 mil 76 por mês, ele desce a favela, ouve tiros no escuro, aperta o passo, esfrega o braço, diz um palavrão, vê a cidade acesa, confere se a guia está no pescoço, salta uma poça, anda sem elegância, é baixo, pernas tortas, corpo socado, mãos de tábua, unhas no sabugo, pele manchada, tosse, cospe no chão, acende o cigarro amassado, fuma até queimar o dedo, chega à estação, segue até a cancela, anda ao lado dos trilhos, sobe na plataforma, economiza Cr\$0,60, encontra muitas pessoas, não fala com ninguém.

Sem beijar nem falar, pelos Cr\$1 mil 76 mensais, encosta-se na pilastera, vê o dia raiando, o trem que se aproxima, as pessoas se empurrando, abre-se a porta do trem, participa da invasão, para o interior de um vagão lotado, espremido, empurrado, espremando, empurrando, se acomoda junto à porta, abre a pasta no peito, encosta a cabeça na lata, cochila de ouvido aberto, sente o vagão balançar, ouve um grito, não se interessa, ele pensa mas não sabe pensar.

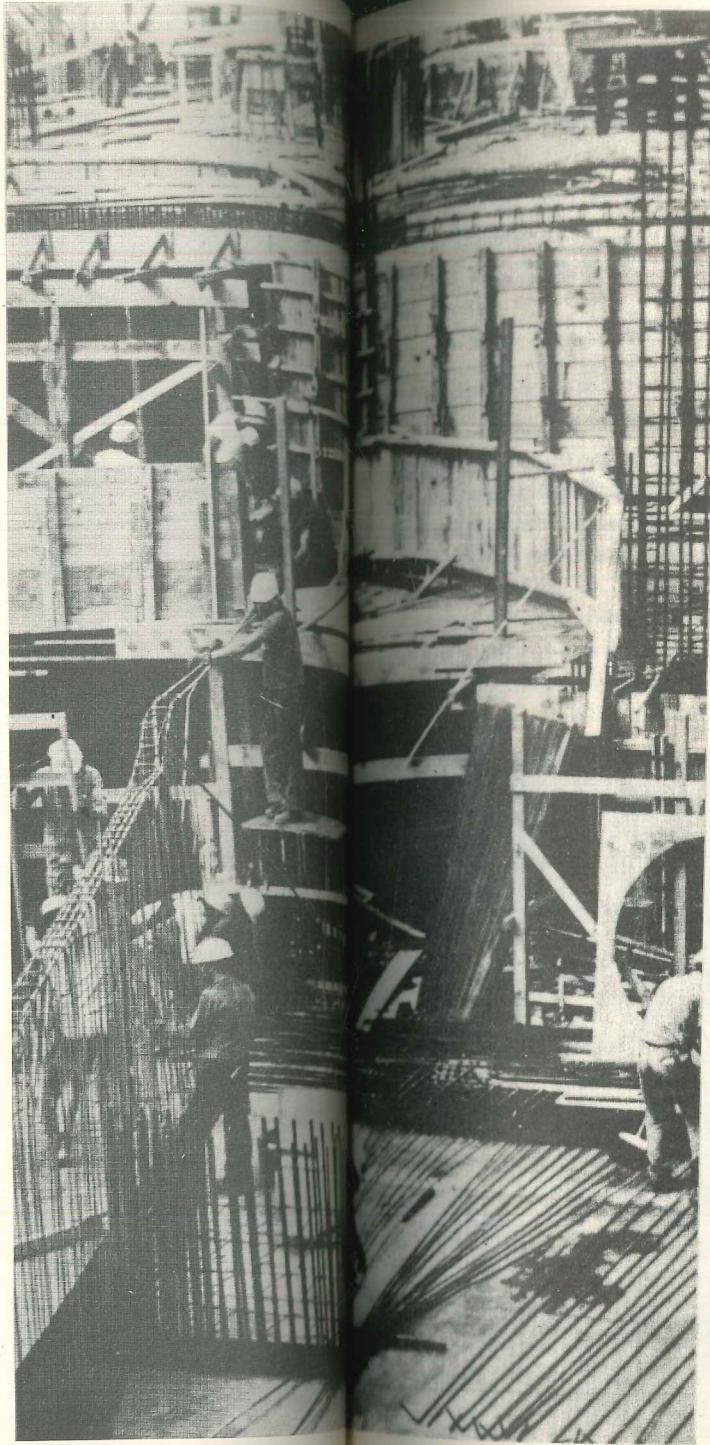
Sem saber pensar, sem beijar nem falar com ninguém, pelos mesmos Cr\$1 mil 76 por mês, chega a Central do Brasil, no meio da multidão, após hora e meia de viagem, desde Paciência, e tem que chegar ao Leblon, onde constrói, com as mãos, as paredes de um prédio, apartamentos de alto luxo quatro quartos, hall nobre, piscina, salão de festas, playground, living, vestíbulo, sala de jantar, lavabo, banheiro social, copa, cozinha, área de serviço, quarto de empregada com banheiro, duas vagas na garagem, vista para o mar e montanha, em que, como em todos os outros, depois de estarem prontos, ele não pode entrar.

No botequim da esquina, pede média com pão, come duas sardinhas, come sem dar bom dia, paga com uma nota de Cr\$10,00, recebe quatro de troco, chega à obra, fala com o apontador, encontra o mestre na porta, troca os molambos por trapos, o sol já está no alto, vê esportistas na praia, o mar verde, verde e macio, a massa de cimento cinza, o balde, a pá, crianças brincando na areia, acende outro cigarro, começa a trabalhar.

Ao meio-dia ele pára, é a hora da marmita, feijão, arroz, farinha, ensopado de batata com carne moída, um tomate, água de bica em caneca de lata, colher, come calado, olhando para a comida, não diz se está bom, mas é melhor que na Paraíba, na Serra do Bacamarte, perto de Bananeiras, onde era farinha seca, jabá e rapadura.

O engenheiro tem as mãos finas e chega num carro grande, olhos inchados de sono, vestindo camisa amarela, calça marrom de veludo, sapatos caramelos, coloca um capacete novo, pisa com cuidado, evita os vergalhões, fala com o mestre de obras, reclama o gasto de massa, diz que a obra está atrasada; ele levanta quando o engenheiro passa, baixa a cabeça, lava a marmita na bica, guarda a colher na marmita, bota a marmita na pasta, se encosta nos sacos de cimento, estica as pernas, cochila.

Não sabe se sonha dormindo, mas acordado ele sonha, com muitas coisas bonitas, como televisão a cores, um carro vermelho, e aquela mulher que sempre passa, aquela que ele mais gosta, que acha a mais bonita, que nunca olha para ele, e diz que quando acertar na loteca, e na hora que ela sair da praia, e tiver com os pés queimando, pulando que nem cabrita, ele vai passar no carrão vai fingir que vai pa-



rar, e quando ela sorrir, ele arranca. O som do triângulo engole o sonho, tem mais seis horas para trabalhar, duas são horas extras, e o mestre chega falando que o engenheiro mandou dizer que está tudo muito atrasado, que não se pode perder um dia para assentar um tijolo, que paraíba é preguiçoso, que só gosta de beber, e ele gosta mesmo, diz que cachaça tem gosto, que alivia a cabeça.

A cabeça parece que pára, mas as mãos continuam, tijolo em cima de tijolo, perfeita geometria, às duas da tarde assobia, às quatro continua assobiando, parece que é a mesma música, a parede está quase pronta, ele desce e vai ao banheiro, volta falando sozinho, reclamando do tijolo.

Nunca ouviu falar em Fundação Getúlio Vargas, só sabe desenhar o nome, não se considera índice estatístico, acha que esse mundo é assim mesmo, desconhece o significado da palavra robotização, reconhece a importância do Governo, acredita na democracia, e de economia sabe que existem ricos e pobres, que se não fosse a mulher lavando para fora e os meninos na feira a coisa ia ficar preta.

Quando termina aquele dia, toma banho na obra, com um pedaço de sabão vermelho, que esconde atrás dos tijolos, se enxuga com papel de saco, penteia o cabelo para trás, mexe com os carrapatos, que são os que moram na obra.

No botequim da esquina, pede um copo de cachaça, bebe de um gole só, cospe no chão, faz careta, pergunta se foi tudo bem, se vai sair no jornal, diz que a mulher sabe ler, que tem que voltar tudo de novo, tem que pegar o trem, depois subir a favela, e que todo dia é assim.

# amor, a única resposta

O amor é a única resposta ao problema da existência humana.

## O AMOR É NECESSÁRIO

Apesar de ter emergido do reino animal, o homem é dotado de razão e só pela razão e não pelo instinto, pode encontrar sua harmonia e seu equilíbrio. Por outro lado, tem consciência de si, de seus semelhantes, de seu passado e de seu futuro. Conhece-se como entidade separada da natureza e

esta consciência é a causa de toda angústia.

A mais profunda necessidade do homem é, assim, a necessidade de se separar sexualmente e o fracasso em atingir essa separação. Se falha de modo a ser polarizada, e por isso o homem luta em alcançar este objetivo, loucura, o isolamento definitivo, solução, compartilhada com o homem exterior. Só o amor pode vencer o isolamento em que se encontra.

## RESPOSTAS QUE NÃO RESPONDEM...

Nos diversos estágios do desenvolvimento da raça humana, outras respostas foram experimentadas pelo homem, em busca da superação do estadio de separação em que se encontrava. Ainda hoje são vividas por muitos homens estas experiências frustradas: provocados por tóxicos, orgias coletivas, alcoolismo, ou experiências sexuais. Num estado de exaltação, transitório, o mundo exterior desaparece e, assim, a sensação de estar desparado se desvanece temporariamente.

Outra forma de vencer o isolamento tem sido experimentada pelo homem: a conformidade com o grupo, pertencer ao rebanho, ser igual a todos os outros, anular-se como indivíduo; e isso é levado por pressões sociais e políticas, pela propaganda, pela sugges-



Acima da necessidade universal e existencial da união, há outra mais específica, biológica: o desejo de união entre o pólo masculino e feminino. Como se uma unidade original entre os sexos se houvesse rompido, e cada um vivesse à procura da parte perdida, no anseio de restabelecer a unidade partida. Esta idéia está contida no relato bíblico da Criação, que apresenta, em bela imagem, Eva feita de uma costela de Adão. A atração entre o homem e a mulher existe dentro de cada um. Essa atração é a base de toda criatividade interpessoal.

O desvio homossexual é o fracasso em atingir essa separação. Se falha de modo a ser polarizada, e por isso o homem sofre a dor da separação nunca resolvida, compartilhada com o homem exterior. Só o amor pode vencer o isolamento em que se encontra.

## RESPOSTAS QUE NÃO RESPONDEM...

tão e, às vezes, pelo terror. A união pela conformidade é calma, habitual e rotineira ao contrário das experiências anteriores que eram intensas e violentas embora transitórias. Também o conformismo não responde aos anseios do homem.

Outra tentativa: a atividade criadora – o trabalhador e o objeto que cria se tornam um, o homem se une ao mundo pelo processo da criação. Mas esta unidade só existe para os trabalhos verdadeiramente criativos, não para o trabalho do burocrata ou do operário reduzido a simples peça de uma máquina; além disso, esta não é uma unidade interpessoal.

Se a exaltação que se obtém do alcoolismo, dos tóxicos e dos sexos é uma forma de união transitória; se a conformidade com o grupo é falsa; se a unidade do trabalhador e sua obra não pode ser uma união entre pessoas, a única resposta ao problema da existência humana está na união, na fusão com outra pessoa: **está no amor**.

## NEM TODO "AMOR" É AMOR

Há formas imaturas de amor, verdadeiras caricaturas do verdadeiro amor. Não passam de união simbólica psíquica, na qual uma das pessoas se anula pela submissão à outra, pelo masoquismo. A pessoa masoquista foge ao insuportável isolamento tornando-se parte de outra que a dirige, protege e possui inteiramente. A pessoa dominadora quer escapar do isolamento fazendo da outra pessoa uma parte de si mesma. É o sadismo. A pessoa sadista ordena, explora, humilha; e a masoquista é mandada, ferida, humilhada,



explorada. São ambas dependentes uma da outra — é uma fusão sem integridade. Ao contrário: o amor amadurecido é união sob condição de preservar a integridade própria de cada um, a própria individualidade. Os dois se tornam um permanecendo dois.

O sexo tem importância primordial no amor conjugal como expressão ple-

na de dom de si e do próprio. Mas a simples atração sexual não é amado e mal-humorado, e ouvi-lo tanto para a construção do amor quando fala aborrecido de seus contratevel e duradouro. Esta forma falso profissionais. Não basta prestar amor que se baseia exclusivamente à data dos aniversários dela e atração física tende a se acabar no seu casamento, presenteá-la e dar-fastio, o enfado da rotina sexual, a segurança e conforto. Tudo isto é de modo inexpressivo, desligado para o bom relacionamento do contexto amoroso em que devem; mas o relacionamento que se base realizar.

O amor é antes uma facultade atitude, uma orientação de vida que determina a relação de uma pessoa com o mundo, como um todo,

apenas para um determinado tipo de amor.

Se uma pessoa julga que o amor é fruto do prazer sexual, apenas uma outra pessoa é indiferente ao amor é fruto do prazer sexual, te a todas as outras, seu amor é de modo que basta que o casal saiba amor, mas apenas um egoísmo amadurecer com perfeição e técnica o ato do a dois. Como se, em vez de garantir, garantindo o prazer mútuo, es-der a arte da pintura, a pessoa que assegurada a felicidade conjugal e preocupasse em escolher o que decorrerá o amor. Mas o amor ideal para ser pintado, certa de que é o resultado da adequada satisfa-uma vez encontrado o objeto sexual. Pelo contrário, a felicidade condições de pintá-lo com perfeição é o resultado do amor. A frigidez... Deve ser capaz de dizer: "As mulheres e muitas formas de em ti a todos, ao mundo e à personalidade masculina são bloqueios mesmo".



#### O AMOR MAL COMPREENDIDO

Quando se fala de amor e casamento, em nossos dias, somos muitas vezes iludidos por conceitos incompletos e deformados que nos impedem de construir uma autêntica comunidade conjugal.

"Eles se entendem tão bem! Não basta, por exemplo, que o marido compreenda sua esposa, faça compras favoráveis ao seu vestido, ou às suas habilidades domésticas culinárias; nem é bastante que ele compreenda quando chega em casa,

que tornam impossível amar. O medo do outro sexo impede uma pessoa de entregar-se completamente, de confiar no parceiro sexual, numa intimidade física, e não pode ser resolvido nem com todos os conhecimentos da técnica sexual. Só vencidas estas dificuldades pelo amor, poderá realizar-se o ajustamento sexual do casal.

**"Ela é como uma verdadeira mãe para mim".**

Piores ainda, certas formas neuróticas de amor. É o caso da pessoa, ele ou ela, que permaneceu aferrada ao pai ou à mãe, e transfere os sentimentos, expectativas e temores que outrora experimentou com os pais, para a pessoa amada na vida adulta. Homens apegados infantilmente à figura da mãe ainda sentem como crianças. Querem a proteção da mãe, seu amor incondicional, seu calor, cuidado e admiração. Se a esposa não corresponder para sempre às suas fantásticas

expectativas surgem conflitos e ressentimentos; imaginam-se grandes amantes e queixam-se amargamente da ingratidão da sua parceira no amor. A fixação ao pai tem outras características: seu alvo principal na vida é agradar ao pai; quando o consegue, sente-se feliz, seguro e satisfeito. Na vida adulta, procura encontrar uma figura paterna a que se prenda de maneira semelhante. . . Em suas relações com as mulheres mantém-se retraído e afastado. Sente por elas um leve desprezo.

#### "Ele é o máximo!"

Também é irracional a forma de amor em que alguém transforma em ídolo a pessoa amada, como portadora de todo amor, toda luz, toda ventura. . . Como ninguém pode, a longo prazo, corresponder inteiramente à expectativa do outro, tende a ocorrer a deceção trágica que leva a pessoa a eleger novos ídolos numa sucessão às vezes interminável.

#### "Vivemos num mundo encantado"

Outra forma de pseudo-amor é o amor sentimental, só experimentado em fantasia e não em relações concretas com outra pessoa que é real.

A satisfação amorosa é experimentada pelo sôfrego consumo de contos, filmes e canções de "amor", fotonovelas carregadas de dramas amorosos e sentimentalismo. . . Para muitos casais, assistir na tela tais histórias de amor constitui a única ocasião em que experimentam o amor, não entre si, mas juntos, como espectadores do amor alheio. . . Quando passa o sonho, volta a indiferença.



#### A PRÁTICA DO AMOR

Não basta conhecer a teoria do amor, identificar as formas fárias imaturas do amor. É preciso aprender a arte de amar, na prática.

Mas, para isso, não existe um "modo fazê-lo". Amar é uma experiência pessoal que cada um só pode ter por si mesmo e para si mesmo. Pode entretanto refletir sobre os passos que conduzem ao amor. Como em qualquer arte.

#### Disciplina

Antes de tudo, a prática de qualquer arte exige disciplina. A dis-

a que é forçado, nas longas horas dedicadas ao trabalho profissional, o leva a desejar a ociosidade fora daqueles horários, em grande parte como reação à rotinização da vida. Recusa então a autodisciplina racional, imposta por si

mesmo, necessária à construção do amor realmente responsável.

#### Concentração

O amor exige concentração. Nossa modo de vida é em geral dispersivo e difuso. Vivemos afogados por múltiplas solicitações exteriores, que tornam difícil a concentração exigida para a prática de qualquer arte. . . Fa-

zemos tudo ao mesmo tempo: lemos, fumamos, ouvimos música, atendemos ao telefone, vamos ao cinema e vemos TV, somos massacrados pelos apelos da propaganda que nos oferece as mais amplas oportunidades de prazer e satisfação de nossas necessidades vitais pelo crediário. . . — e perdemos assim o hábito de pensar, refletir e nos encontrarmos. Sentar-se quieto, sem falar, sem fumar, ler ou beber é impossível para muitas pessoas que logo ficam nervosas e inquietas.

#### Paciência

Outro fator importante para se chegar ao amor é a paciência. Quem anda atrás de resultados rápidos, jamais conseguirá dominar uma arte. Mas o nosso sistema de vida nos leva ao oposto: tudo é feito visando-se a rapidez cada vez maior. Máquinas, aviões e automóveis são projetados para serem rápidos. E o homem se torna o eterno apressado para ganhar tempo — e se esquece de aprender o que fazer com o tempo que ganha, a não ser matá-lo.

#### Humildade.

É ainda necessária a superação do narcisismo que leva a pessoa a só dar importância a si mesma: a única realidade para ela, é ela mesma. Amar exige humildade, objetividade, fé.

#### Preocupação

Afinal é necessária uma preocupação suprema para com o domínio da arte de amar, para que tal objetivo se realize. Somos, em geral, simples amadores na arte de amar. Para sermos mestres, teríamos de dar ao amor a posição ímpar de anseio supremo de nos-



sas vidas, única resposta verdadeira ao problema da nossa existência humana.

### O DESEJO DE FELICIDADE

Para o Homem, o sentido da vida está na busca da felicidade, a longa caminhada que o levará à saciedade de suas angústias e da sua esperança. Bem cedo, ele descobrirá que só pelo amor se caminhará para a posse definitiva desse bem essencial.

Para o cristão o termo dessa penosa caminhada é Deus, o Amor absoluto, saciedade ao seu anseio de ascensão para o Infinito.

Sobre essa vontade espontânea de felicidade é que se modelará todo o seu agir proceder, que dele exigirá a cada momento opções livres, capazes de levá-lo àquele objetivo. O homem se realiza na decisão. Sabe que ele se faz, cada momento da sua vida. É um "ser-feito" e um "poder-ser".

Nesta dialética do "feito" e do "vir-a-ser", o Homem constrói sua

história, sua existência e a si mesmo que ele será, se realizará através da construção consciente e livre de opções. Sua liberdade tanto possibilita o amor como o não-amor. Esta é condição humana: uma liberdade em que o amor e a sua negação. E onde há opções livres, haverá uma moral, um agir correto capaz de levar o homem à auto-realização, ao amor e portanto felicidade, à plenitude do seu sentido um sentido à sua vida.

E não se pode esquecer o aspecto social das opções, que não afetam apenas o Homem, mas entram no fluxo histórico, determinando-o. A humanidade é um conjunto de liberdades entrelaçadas. A minha é uma liberdade diante da liberdade dos outros. Não pode depender exclusivamente da minha vontade mas deverá enquadrar-se nas limitações que decorrem da liberdade dos outros. Se não me reconheço condicionado em meus atos pela liberdade dos outros, estarei engendrando a violência que esmagará a minha própria liberdade.

Esse agir correto não será fruto de opções individuais e subjetivas. Ninguém é uma ilha. Toda vez que sua liberdade consciente quiser colocar seu ser como única norma de agir, estará frustrando o próprio ser, já que sua constituição não é o fechamento estático em si, mas a abertura dinâmica do diálogo e da busca.

Por isso, as limitações que cerceiam a minha liberdade, na verdade a protegem.

Portanto, a opção para ser real é moderna e está tomando consciência, sobretudo através dos meios de comunicação de massa, dessa realidade, do bem deixar-se iluminar pela busca de um sentido histórico universal das deci-

sões. Opções individuais, ou de pequenos grupos, afetam milhões de pessoas.

A consciência deste dado sociológico deve despertar-nos para o sentimento da responsabilidade e da importância da nossa vida, preparando-nos para o uso correto da liberdade em nossas decisões.

O papel da moral será, então, o de condicionar a liberdade para que ela não se torne um mal, orientando o Homem na direção do bem, isto é, da sua felicidade, de sua auto-realização, do sentido verdadeiro do seu ser, da sua vida.

---

Erich Fromm desenvolveu, em *A ARTE DE AMAR*, um dos mais conhecidos e bem fundamentados estudos sobre o amor.

Essa importante obra do famoso psiquiatra e escritor, deve ser lida por aqueles que desejam aprofundar a reflexão que este artigo propõe.



# quanto ganha você?



Vamos ajudá-lo a se situar no quadro geral de rendimentos do povo brasileiro.

Comece calculando os seus rendimentos atuais em salários-mínimos da região em que vive.

Você vai descobrir agora se tem sido privilegiado, sem o saber. Para muitos, certamente, será uma surpresa.

Já calculou quanto salários-mínimos você recebe?

Então fique sabendo:

- Se ganha mais de 15 SM, você entre os 2% de brasileiros mais privilegiados. Os 98% restantes ganham menos que você.
- Se ganha mais de 10 SM, há 3% de brasileiros na sua situação. Os outros 97%, estão abaixo de você.
- Mas se ganha apenas 7 SM ou você está no grupo dos 5% de privilegiados. Os outros sonham em conseguir chegar a um dia na sua situação.
- Talvez você não tenha chegado tanto. Seus rendimentos não passam de 5 SM. Mesmo assim você está no grupo dos 8% de brasileiros de menor renda. Os demais 92% ainda não alcançaram você.
- Mas pode não ser esse o seu caso. Você só ganha 3 SM e até foi obrigado a comprar esta revista. Se é assim, você ainda é um dos 16% de trabalhadores mais bem pagos do país, os outros 84% o invejam.
- Mesmo que você só ganhe 2 SM, não é rabêns! Considere-se privilegiado sem apelação para o humor negro. Há 72% de trabalhadores que ganham menos que você.

"E conseguem viver? Como?" perguntaria você, aflito, olhando para os supérfluos que a sociedade de consumo lhe impingiu.

Também não sabemos. Só perguntando aos próprios. Visite um dia, descubra o segredo. Depois, explique-nos o mistério. Estamos muito curiosos.

(FONTE - JORNAL DO BRASIL, 30 DE ABRIL DE 1976).

# RANGO

edgar vasques



## o medo das mudanças: reações

Sem descer a análises técnicas de laboratórios de psicologia, limitamo-nos a descrever os aspectos mais evidentes do comportamento do casal, face às realidades conjugal e familiar, vigentes em nossa sociedade.

### COMO REAGE A MULHER?

Existe um fato que irrompe fortemente neste século, já assinalado pelo Papa João XXIII na Encíclica "Pacem in Terris", como um dos sinais dos tempos: a presença crescente da mulher na vida pública. Irrupção que não se dá em forma paulatina, pacífica e gradual mas que — como todos os fenômenos sociais — dá origem a situações complexas, explosivas e difíceis de resolver.

Este novo papel da mulher encontra desguarnecidos ambos os componentes do casal. Ela foi educada de acordo com valores de quase impossível realização no mundo urbano e industrial; sente-se chamada a participar em todos os âmbitos da vida humana; sente-se dotada com capacidades e possibilidades amplas para assumir essas tarefas; quer assumí-las, sem renunciar (exceto em setores muito elitistas) à sua condição de esposa e mãe.

Tudo isto — ainda não claramente analisado em nível de consciência, nem mesmo ainda realizado na prática — faz surgir uma mulher atormentada por grandes responsabilidades, instável, facilmente frustrada.

Por outro lado, enquanto as necessidades materiais, bem como suas próprias aspirações à plenitude pessoal, seu desejo de escapar à rotina do lar empurram para fora de casa, existe uma insistência na necessidade da permanência física da mãe, junto ao filho pequeno. Será que ela terá de deixar para a maturidade suas possibilidades de participar na vida política, cultural ou sócio-econômica? Todos sabem que, numa sociedade friamente competitiva como a nossa, suas possibilidades diminuem com o correr dos anos. Como no caso dos mais jovens (que acredita adula, enquanto, ao mesmo tempo, os reprime e lhes fecha os olhos e as responsabilidades se não acomodam aos moldes pré-fixados pelo mundo adulto), se reconhece à mulher, cada vez mais, esse papel crescente que deve assumir na vida pública sem se buscar, ao mesmo tempo, nenhum meio que a ajude a cumprir sem angústias, sua missão de cidadã de esposa e de mãe.



Além do mais, num futuro mais ou menos próximo — segundo demonstra a evolução mundial — a participação igual na produção de bens e serviços de todos os que estiverem em condições aptas — sem distinção de sexos — será um dever de justiça e não apenas um direito que se pode exercer à vontade. Isto implicará em reformular, por exemplo, o sentido do trabalho doméstico, não apenas como necessidade privada, mas como parte do produto bruto nacional, com todas as suas consequências sócio-econômicas e mesmo culturais.

Seria interessante e sobretudo útil aprofundar este aspecto que está simplesmente esboçado aqui.

### A BUSCA DA PRÓPRIA IDENTIDADE

Como a pressão social diminui, a mulher se prende cada vez menos a regras impostas e repudia o papel passivo que era considerado como seu, nas relações com o homem, tomando, muitas vezes, a iniciativa. O adultério feminino, por exemplo, até bem pouco tempo (ou as infidelidades das noivas a seus noivos), tinha como causas mais freqüentes a coqueteria, a sensualidade, o desejo de vingança e revanche ante infidelidades e supostas ou reais incompreensões do lado masculino. Hoje, no entanto, aparecem outros motivos, mais complexos: insatisfação por não ter uma situação clara (mas, ao contrário, difícil e mesmo contraditória) nesta sociedade nova; a ânsia não identificada, de ser considerada pessoa, por si mesma, e não em função do marido ou dos filhos ou do serviço que presta aos outros. Embora o meio para isto utilizado seja condenável, tanto do ponto de vista humano quanto do ponto de vis-



panheira de seu marido e melhor formadora de seus filhos. É praticamente impossível hoje, sintonizar e responder às perguntas explícitas ou implícitas das novas gerações, se a gente não conhece e não compartilha da problemática global da sociedade.

#### COMO REAGE O MARIDO?

É preciso deixar claro que ele sofre tanto quanto a mulher o impacto das mudanças, já que está assumindo um novo papel, sem ser capaz de identificá-lo claramente.

Acontece que a opressão de uns contra os outros, a coação dos preconceitos e das regras, escritas ou não, sobre o comportamento caem sobre marido e mulher e, por isto, se deve insistir sobre a libertação do casal muito mais que sobre a libertação da mulher, embora se trate de dois tipos diferentes de libertação.

A primeira e lógica reação masculina é de perplexidade e desconcerto: as imagens com que foi educado, a pressão do meio, os valores culturais herdados não se ajustam com a realidade

de uma companheira que se relaciona com ele de igual para igual, pouco submissa e que, muitas vezes, dissimula sua própria insegurança e exigências e agressividade.

#### COMO REAGE O CASAL?

Entre os mais jovens, sobretudo nos setores médios, existe já um verdadeiro intercâmbio de papéis e uma maior compreensão do problema.

Ao contrário do que acontecia nas gerações anteriores, costuma-se acreditar que a chegada do primeiro filho, não é motivada por razões econômicas (trabalhos dos dois, dívidas a pagar, salários insuficientes), mas para se conseguir maior entrosamento do grupo conjugual, maior maturação de ambos os cônjuges. É claro que esses motivos podem estar misturados com sentimentos de insegurança, de medo, e também de egoísmo e de falta de abnegação. Mesmo assim, convém sublinhar que uma atitude de prepotência: que aspectos positivos nessas atitudes remetem negativas: hoje as pessoas nem chegam a ser pessoas e não sabem como, por não serem acertadamente estimuladas.

Está faltando definir sobre a missão da mulher e da sua situação no mundo; esta luta entre seus desejos de colaboração em todos os campos e seus deveres domésticos reais ou herdados carrega consigo, exigências muitas desumanas. Isto acontece, não raras vezes, com características duras. Então, algumas aceitam renas por causa do grande peso da responsabilidade "seu destino de mulher" cação recebida; mas ainda por canto, sobretudo, nos setores populares; ou do conceito popular a respeito da toridade e chefia que tem como resultado, geralmente, a fuga dos jovens para o mistério, como o fizeram suas

apesar de carregar consigo certa vez menos numerosas, procuram adaptação para uma submissão resigente-se intimamente frustrada e, isto, reage com facilidade, diante de qualquer idéia de valorização dos filhos. Mas, mesmo estas últimas

(como todas as mulheres que não se resignam a desempenhar o único papel de "rainha do lar") não podem evitar um sentimento de culpa ante o inevitável ou voluntário abandono de tarefas que correspondem — real ou supostamente — ao desempenho feminino. Contribuem para isto tanto o peso cultural dos papéis tradicionalmente atribuídos ao homem e à mulher quanto a educação familiar que identifica certas tarefas e funções com a essência da feminilidade.

Acontece que a participação da mulher no mundo do trabalho, como cidadã, não apenas por necessidade econômica mas, sobretudo, por necessidade pessoal e da comunidade, se vivida como serviço e como compromisso, a enriquece. Por sua vez, esse enriquecimento torna-a a melhor com-



mesma. Isto dá origem a conflitos individuais e conjugais bastante sérios e exige que, tanto em trabalhos pastorais quanto em trabalhos profanos, se busque a promoção integral, do grupo conjugal.

Nos setores marginalizados influí negativamente em muitos casos, a falta de imagem paterna. O abandono, a ausência reiterada ou a distorção da figura do pai lhes impede de ter uma visão natural da relação homem-mulher.

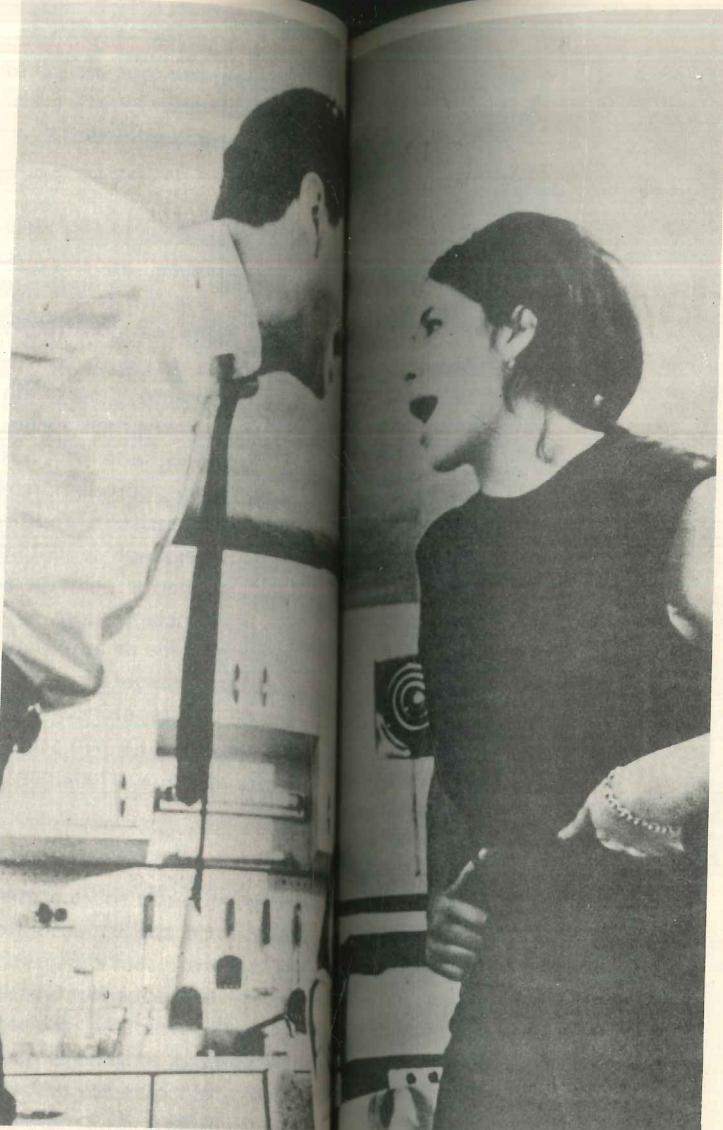
Nas classes abastadas, a falta de um relacionamento em profundidade, a absorção paterna pelas exigências voluntariamente crescentes de sua profissão ou trabalho, a bastante generalizada relação extra-matrimonial dos adultos levam ao mesmo resultado.

Em geral, o intercâmbio entre os dois cônjuges, se caracteriza mais como competição, como guerra surda dentro e fora da família do que como co-responsabilidade e colaboração em uma sociedade a construir.

O episódio bíblico do pecado original em suas mútuas recriminações aparece ao longo da história, em diversos estilos, mas com idêntica significação: ruptura da relação mais profunda que podem estabelecer dois seres humanos de sexos diferentes e que converte o enriquecimento mútuo dos primeiros momentos, em confrontação destrutiva.

#### A NECESSIDADE DE COMUNICAÇÃO

Mais que guerra, existe, muitas vezes, uma enorme falta de comunicação: problemas que vão criando separações, frustrações e rancores não se solucionam entre os dois, mas indivi-



dualmente, cada um de seu lado. Acontece ainda que, mesmo aqueles que parecem ter conseguido viver um diálogo para a construção do mutuo respeito pela consciência e pela conjugal, é muito difícil, para a liberdade do outro costumam entrar casal, analisar em comum e em profunda crise, quando a chegada dos filhos díade, os problemas mais sérios — ou outro acontecimento vital — os bretudo quando esses problemas obriga a reformular atitudes e tarefas. dem sobre os dois, buscando para Em outras ocasiões a mútua comunicação está condenada ao fracasso

porque se baseia em uma relação mórbida ou maliciosa, baseada no egoísmo, na prepotência ou na sedução. Então, ambos perdem a visão do outro como pessoa — transformam-no numa "coisa" que querem oprimir aberta ou disfarçadamente — dando assim um triste testemunho de sua incapacidade em manejar situações, como criaturas inteligentes, críticas, criadoras.

É preciso notar, no entanto, que a juventude — hoje mais do que nunca — se rebela contra o grande número de modelos transmitidos e está aberta a novos tipos de relacionamento entre os sexos, mais simples e naturais, embora, algumas vezes, costume trai-los. Assim, por exemplo, acontece quase sempre que os rapazes, quando começam a noivar com seriedade, procuram estabilizar seu noivado com a instituição civil e religiosa, mesmo se, anteriormente, contestavam tudo isto.

Isto acontece porque o conceito da família está profundamente arraigado em nosso povo e até as uniões não legalizadas, sobretudo nos meios camponeses e operários, costumam ser estáveis — com as exceções constituídas por aqueles que vivem em condições infra-humanas ou pelos que são declaradamente contestadores da instituição familiar.

É lastimável constatar-se como esses casamentos, realizados com grande esperança de estabilidade, aceitam cada vez mais a saída fácil do desquite ou divórcio quando acontecem desencontros. Este é um dos paradoxos desta complexa e contraditória sociedade atual: sinal desafiador do muito que é preciso fazer, a nível de casal.

(Tradução da Revista Del Centro de Investigación y Acción Social — Buenos Aires).

## uma visão falsa da sexualidade

Miguel Benzo

"Ninguém duvida hoje de que os valores morais que imperaram no ocidente durante séculos se encontram em profunda crise. De um lado, modificaram-se, profundamente, as condições sociais e culturais; e, de outro, Marx, Nietzsche e Freud, os "filósofos da dúvida", submeteram a duras provas os critérios sobre os quais se vinha fundamentando o comportamento social: tradição, autoridade social, natureza, consciência... A ética sexual é um dos aspectos dessa questão que mais se ressentem com a mutação daqueles valores: autonomia cada vez mais precoce da juventude, desenvolvimento da personalidade da mulher, aumento do tempo de duração média da vida (que torna mais complexos os problemas da fidelidade conjugal), aparecimento dos novos anti-concepcionais, aglomeração e anonimato das grandes cidades... tudo isto incidiu profundamente na perspectiva que influencia as normas de conduta sexual das pessoas do nosso tempo.

A atitude do homem ante a sexualidade se movimentou, ao longo da história humana, entre dois polos: o dualis-

mo, que considera o corpo como princípio de todo o mal e, certo, o nascimento que considera os prazeres corporais como única fonte de felicidade humana.

### ORIGENS DO DUALISMO

O dualismo tem profundas raízes psicológicas: o corpo humano apresenta muitos homens, como causa de temor; nele se origina a enfermidade e germinam a velhice e a morte; suas paixões podem complicar a vida, nossa solidão individual se manifesta inevitável com as diferenças distâncias entre os corpos. Este modo de corpo se transforma facilmente em rancor e inclusive em ódio a ele e a todas as suas manifestações, das quais a sexualidade é uma das mais intensas.

Tal atitude negativa leva à exaltação da "alma" como sendo a única dimensão valiosa no homem e desemboca em uma interpretação dualista do verso, na qual se enfrentam o Espírito, como princípio bom e a Matéria, princípio mau. São numerosas culturas fortemente influenciadas pelo dualismo: as hindus, as antigas



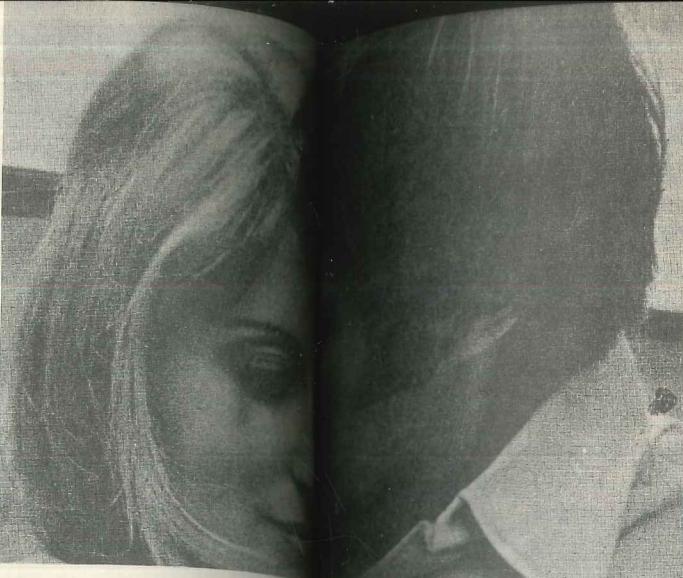
ras da Ásia menor, a grega (que alcançará sua máxima expressão intelectual no platonismo e no neoplatonismo), os movimentos espiritualistas cristãos, dos quatro primeiros séculos...

Ora, embora possa surpreender àqueles que não o conhecem, podemos afirmar que um dos aspectos essenciais do pensamento bíblico, tanto no Antigo quanto no novo Testamento, é a luta contra o dualismo.

No Gênesis se insiste em que todo o universo material é obra de Deus, inclusive os monstros do oceano, símbolos do caos e do mal para a mentalidade antiga; afirma-se que "viu Deus quanto tinha feito e tudo era muito bom"; afirma que, tanto no corpo do homem como no da mulher, nada existe que seja, em si, vergonhoso; "estavam nus, o homem e a mulher, e não sentiam vergonha, um diante do outro"; o Eclesiástico afirma que "as obras do Senhor são todas boas" e o Livro da Sabedoria: "Sim, tu amas todos os seres e não te desagrada nada do que fizeste".

Não menos otimista e unitário é o Novo Testamento. Nele, a Vida Eterna não é compreendida, segundo o ponto de vista platônico, como instabilidade da alma, mas como resurreição do homem total: "não queremos ser despojados (do corpo) mas revestidos, de modo que o mortal seja absorvido pela vida", diz São Paulo aos Coríntios. E tanto ele como São João atribuem a Jesus, enquanto Palavra de Deus, a criação de tudo o que existe: "tudo foi feito por Ele", "Ele criou todas as coisas, tudo foi criado por Ele e para Ele".

Quanto à sexualidade, não nos esqueçamos de que o primeiro mila-



gre de Jesus foi feito para que fracassasse uma festa de casamento, mantém depois de sua conversão mentários se polemiza duramente tra a condenação, pelos grandes problemas do matrimônio e de certos tipos de sexualidade. É isso tanto mais surpreendente quanto foi ele quem como impuros: "... seduzidos por pôcritas mentirosos que proibem trimônio e o uso de alimentos proibidos por Deus" (1ª carta a Timóteo).

Pode-se afirmar portanto, que a primeira luta sustentada nesse campo negativo: é carência de ser; o pecado pelo cristianismo foi em definitivo é desejo do mal, mas abandono sexualidade, embora condenado pelo melhor.

No entanto, quando se refere diretamente à sexualidade, a concepção agostiniana assume uma dureza inadmissível.

É no entanto, inegável, que a influência do dualismo penetra intensamente no pensamento cristão: "os que licitamente mantêm relações sexuais, usam bem de um mal; os que as mantêm ilicitamente, usam mal de um mal".

Escreve ele em seu livro sobre o matrimônio: "os que licitamente mantêm relações sexuais, usam bem de um mal; os que as mantêm ilicitamente, usam mal de um mal".

Em ambos os casos para ele, trata-se sempre de um mal. Afirma ainda que influente dos teólogos de toda a tradição cristã, que usam do matrimônio como a tória do cristianismo. Obcecado com o único desejo de gerar são isen-

tos do pecado, cometendo pecado venial aqueles que usam dele buscando o prazer.

A paixão física com que é gerado o ser humano, constituía para Santo Agostinho, o veículo de transmissão do pecado original: Jesus não foi atingido por ele porque não foi gerado sexualmente.

Esta pesada perspectiva influiria decisivamente nos moralistas medievais e, apesar das nuances colocadas por teólogos e concílios, conserva ainda, certa influência, mesmo em nossos dias".

### ALGUMAS INTERROGAÇÕES:

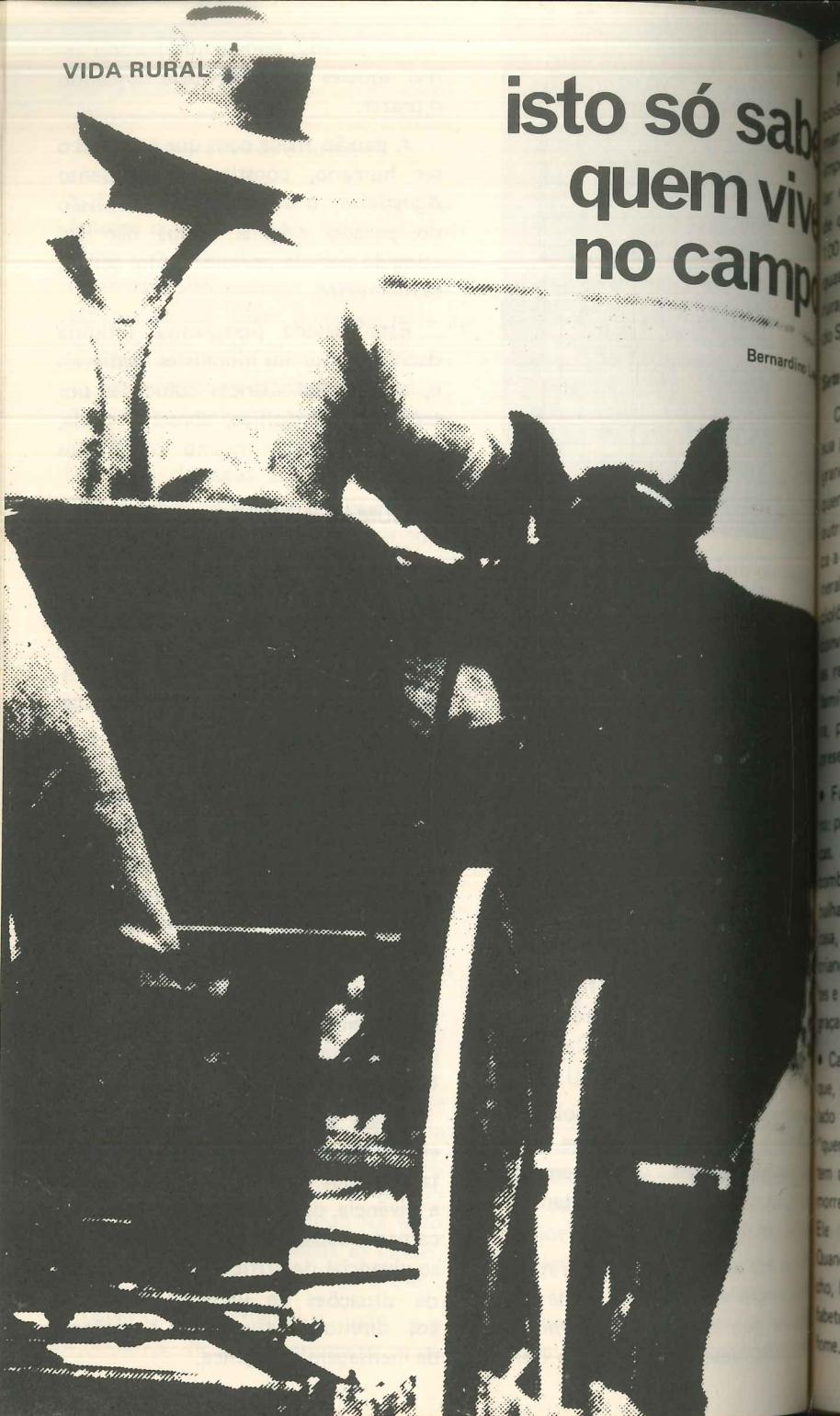
Estas observações de Miguel Benzo provocam certos questionamentos inevitáveis. Com efeito, seria indispensável verificar-se até que ponto essa mentalidade dualista estará influenciando a vida humana, cristã, conjugal e social de tantos.

E até onde ela dificulta, para muitos, a aceitação das novas perspectivas propostas pelo Concílio Vaticano II.

Talvez se possa mesmo admitir que a visão dualista da sexualidade seja freqüentemente a origem de sérias dificuldades de ajustamentoconjugal.

A própria educação dos filhos para o amor exigiria, dos pais, a completa superação daquela visão que lhes tivesse sido inculcada.

Ainda se poderia pesquisar se não estaria nesta mesma perspectiva dualista uma das maiores dificuldades para a vivência de uma espiritualidade encarnada, capaz de levar ao compromisso vivencial de crítica e transformação de situações de injustiça contrárias aos direitos humanos e à essência da mensagem evangélica.



# isto só sabe quem vive no campo

Bernardino  
Saré casos

Na devoção popular, Santa Rita faz coisas impossíveis, tirou até o próprio marido do inferno... Há também algo impossível no ar, se o que se quer é falar das famílias camponesas num país de dois, três ou dez Brasis e mais de 100 milhões de habitantes, dos quais quase a metade mora nas muitas zonas rurais, da Amazônia ao Rio Grande Sul.

Cada família é uma só e escreve sua própria história de acontecimentos grandes e pequenos. Muitos fatos pequenos de cada dia, e talvez um ou outro fato mais importante que marca a vida e muda o rumo. Antes de generalizar e subir para as categorias sociológicas de "a" família camponesa, convém um contato mais direto com as realidades tão diversas das muitas famílias que, cada uma de sua maneira, povoam o mundo rural, com sua presença única e atuação singular.

• Família nova de pequeno fazendeiro: pai, mãe, quatro crianças, umas vacas. A renda dá para viver. O casal combina bastante bem. Homem trabalhador, gosta dos filhos. Mulher em casa, na cozinha, na horta, com as crianças. Os poucos vizinhos são parentes e compadres. "Vai mais ou menos, mas a Deus".

• Casa de um só cômodo, pau a pião, paupérrima, limpa. Santo amarelo na parede. Os dois se juntaram: "quem ama com fé, casado é". Não tem dinheiro. Penca de filhos. Quatro morreram. Mulher lavadeira, alma boa. Ele trabalhador, rende no serviço. Quando ele entra na cachaça, vira bicho, bate na mulher, nos filhos. Analabetos, subalimentados, quer dizer. "Futuro? Deus é quem sabe..."

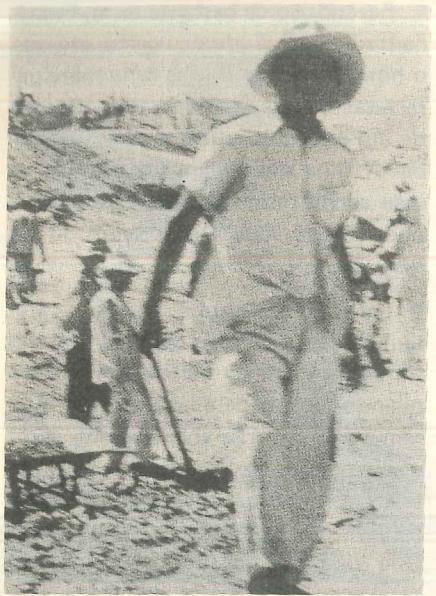
- Fazendeiro de bastante terra. Família tradicional. Tudo deu certo, até que o homem comprou uma camionete para levar o leite à Cooperativa. Dentro de um ano tinha outra mulher na cidade. A filha mais velha odeia o pai. A mãe aceita resignada: "O que a gente pode fazer? Que Deus tenha dó de meus filhos".

- Latifúndio. Coronel e senhora tratam bastante bem os colonos. Os dois filhos estudam na cidade. De vez em quando passam pela fazenda. Não querem voltar. A mãe vive viajando entre a roça e a cidade. O coronel se vira. Fala em vender, mas quem oferece preço melhor quer a fazenda sem morador. Que vida familiar o fazendeiro leva? Qual é o impacto causado pela ameaça de expulsão sobre as famílias dos colonos?

- Desastre na estrada. Caminhão com trabalhadores rurais caiu no abismo. Oito mortos. O que os jornais não deram: cinco deixaram viúva e filhos, muitos filhos, sem recurso. Família incompleta é o termo técnico para este fenômeno humano.

- Chegaram de barcaça. Três famílias, nascidas e criadas em suas terras. Foram expulsas, porque um senhor mostrou documento legal com firma reconhecida em cartório; tinha comprado as terras todas. Capangas resolveram o resto. O que estas famílias vão fazer agora? Precisam de cada, terra, emprego, recompor sua vida.

- Chico Silva, lavrador. Em casa, rádio de pilha e pobreza. De vez em quando vai à cidade com o patrão: negócios, trazer coisas. Há muito tempo briga com a mulher. Ele quer mudar para a cidade. Lá há escola, médico, hospital, tudo mais barato. A mulher



não quer, tem medo. Lá não conhece ninguém. Agora a situação piorou, porque o patrão proibiu aos empregados plantarem por conta própria. Mas a mulher não quer saber de mudança: "Então, você vai sozinho".

#### Problemas genéricos

Estes casos são apenas sete entre milhares e milhares de outros casos, de outras famílias com outras histórias, outros problemas, outros conflitos. Cada "caso" merece uma aproximação humana própria, contato, amizade, assistência, aconselhamento. Entretanto, há muita coisa semelhante nos conflitos que se repetem com suas causas em muitas famílias rurais; há raízes comuns nos problemas que a atualidade, suas mudanças e imposições provocam em muitos lares camponesinos.

Eis algumas necessidades que se constituem em problemas sociais que

atingem as famílias rurais e ultrapassam seu raio de ação individual:

- Segurança legal da posse da terra, do emprego, com renda econômica suficiente para a família levar uma vida relativamente humana e digna;
- Estabilidade familiar, condicionada pela fixação na terra, legitimidade das uniões e das posses, certa estabilidade material e qualidade de vida num no lar;
- Serviços e benefícios sociais, assistência médica, dentária, hospitalar, farmacêutica, assistência jurídica garantidos pelo INPS e pelos sindicatos rurais;

● Uma rede escolar rural que, em programas e periodização das férias, adapte às condições e exigências da sociedade rural, do progresso da produtividade agro-pecuária e do ritmo de vida do campo.

● A tomada de consciência para a paternidade responsável, que em muitos casos inclui a limitação do uso de métodos anticoncepcionais e que se caracteriza pelos muitos conflitos entre pais e filhos maiores, produzidos pelas mudanças sócio-sociais que rapidamente estão penetrando nas áreas rurais.

A penetração universal da cultura urbana de consumo por meio da propaganda comercial, contatos eletrofônicos à cidade, criando às vezes uma miragem de felicidade e bem-estar, está muito além do poder aquém da realidade. Há uma grande distância entre a realidade das famílias rurais e a ilusão urbana.

● A formação de uma consciência crítica comunitária ativa que ultrapasse a posição de服从, para melhorar a legislação, o voto de cabresto, o favoritismo, o egoísmo dos grupos de poder e ainda muito mais.

os horizontes para o bem-estar comum do povo a ser construído através da colaboração e da equidade de sacrifícios.

Estes exemplos são de fato um conjunto que se estenderia pelas dimensões todas da própria existência humana rural. Sua lista não é completa, pois faltam aspectos tão importantes como a mudança da visão do mundo e do catolicismo popular, vividos pelo povo rural. De qualquer maneira, estas áreas problemáticas comuns estimulam a imaginação para criar-se um programa de ação social política em favor das famílias camponesas de vida geralmente tão sofrida.

#### A Igreja - esperança

Fé, religião, Igreja Católica, são quase onipresentes na vida das famílias camponesas no Brasil. Que esperança para o futuro?

● Da parte das autoridades eclesiásticas: falam, defendem, fazem documentos e declarações em defesa dos direitos humanos e dos pobres, realizam obras sociais e trabalhos locais de desenvolvimento e promoção.

Contra-indicações: o clero está dividido entre si, e se contradiz; falta competência na teoria e prática das ciências humanas, economia, política; na linha de sua tradição celibatária, costuma atrair indivíduos para o trabalho da evangelização e não solicitar a colaboração de casais.

● Da parte de movimentos urbanos: há boa vontade para trabalhar em cursos de noivos e serviços de promoção humana na zona rural; podem fazer muito, conforme sua competência e posição, para melhorar a legislação, o sistema escolar, sistema de transporte



Contra-indicações: diferenças de cultura e linguagem criam distância e até desconfiança que dificultam a eficiência do trabalho na zona rural; o povo rural se ajeita mais em seu passivismo, recebendo de braços cruzados os benefícios de fora.

● Da parte de casais rurais: se conscientizados, tem as melhores condições para se ajudarem a si mesmos e trabalharem com eficiência, às vezes surpreendente, em sua comunidade; para ser realmente "gente", precisam tomar seu destino nas próprias mãos, como disse João XXIII; quem sente o problema na própria carne, está melhor motivado para agir e lutar com perseverança; a palavra do forasteiro não comunica tanto como o exemplo vivido de um casal católico rural em seu próprio meio ambiente.

Contra-indicação: por ora, sua influência, nos centros de decisão econômicos, políticos, educacionais e eclesiásticos, é mínima.

# a mulher casada quer liberdade

Maria Salas

O caminhar da mulher para a situação que realmente lhe corresponde se efetua lentamente, numa sociedade até agora dominada pelo homem e por valores sobretudo técnicos e competitivos que atraem o homem. Os movi-

mentos de libertação da mulher são frequentemente, desorientados ou engredados mas têm seu ponto de partida num problema existencial real: a frustração feminina.

Que objetivos terão que ser alcançados para que a mulher chegue a ser legítimo "status" a que aspira com imprecisão e veemência?

Ao problema que não tem nome Betty Friedan, em 1963, referiu-se como "um mal-estar indefinido". Imediatamente atacava, então, grande número de mães de famílias americanas, aparentemente felizes.

Os sintomas que caracterizavam o mal-estar eram vagos, imprecisos, coincidentes. Essas mães de famílias sentiam angústias injustificadas, ansiedade, sensação de vazio e, sobretudo, cansaço.

Tantas mulheres se queixaram aos médicos deste mal-estar, entre 1955 e 1960, que um deles decidiu fazer uma pesquisa à respeito do gênero de vida que levavam suas pacientes. Descobriu, com surpresa, que dormiam mais do que o necessário a um adulto: quase dez horas diárias; e descobriram ainda que o esforço exigido pelos trabalhos caseiros não era suficiente para esgotar suas reservas de energia.

Não se podia, tão-pouco, atribuir a causa desses sintomas a um possível fracasso matrimonial, pois as próprias pacientes asseguravam que eram felizes, que se entendiam bem com os maridos e se sentiam plenamente satisfeitas no terreno sexual.

O problema se radicava pois em nível mais profundo. Tratava-se de um mal-estar psicológico causado por sentimento de falta de identidade. Habitadas a não serem levadas em consideração por si mesmas, mas apenas em referência ao marido e aos filhos, as

mujeres chegaram a se sentir esvaziadas da própria personalidade.

Nos anos 70, o Sr. Castilla del Pino descobre que também na Espanha, cada vez maior o número de mulheres consultam o médico por causa de problemas que surgem, quando tomam consciência de sua situação.

"A mulher casada se aborrece", afirma por sua vez o Dr. Botella Llusiá, suspeito de favorecer uma ilimitada emancipação feminina.

"Muitas das depressões, alterações nervosas ou endócrinas que a mulher tem na chamada "idade crítica" são remediáveis se lhes oferecermos uma motivação; pois, em realidade, o que acontece é que elas se aborrecem, depois de haverem lutado como verdadeiras heroínas por seus filhos e por seu lar, em sua juventude".

Também com referência à Espanha, encontramos em um estudo sociológico realizado por D.I.S. nas Ilhas Canárias e publicado parcialmente no semanário "Vida Nueva" este dado surpreendente: 45% das mulheres casadas, em Fuerteventura, "não se tornariam a casar com seu marido", contra 33% de maridos da Ilha de Palma que "não se tornariam a casar com sua mulher". Há alguns anos atrás, mal se poderia conceber tão grande proporção de descontentes entre mulheres.

Essas constatações, tanto clínicas como psicológicas, escolhidas ao acaso, confirmam a experiência pessoal: ao nosso redor, cada vez maior número de mulheres casadas que, aparentemente, gozam de tudo o que pode constituir a felicidade humana, sentem-se frustradas e caem em depressões nervosas difíceis de diagnosticar e de curar, por não serem dos tipos habituais. Antes, detectavam-se problemas de frustração da mulher entre as solteiro-

nas ou entre as mal casadas. Agora descobrimos, com perplexidade, que estão seriamente afetadas por este mal, mulheres casadas de vida matrimonial aparentemente normal, com filhos sadios e com uma atividade satisfatória.

Essas mulheres querem emancipar-se de uma vida familiar que consideram frustradora e limitadora e exigem uma série de direitos, colocando em suas reivindicações maior empenho do que aquele que moveu, um dia, as mulheres profissionais independentes.

## DIREITOS QUE NÃO SE PUDE EXERCER

Depois de quase um século de feminismo, poderia parecer que agora iria fechar-se o ciclo aberto pelas sufragistas, na Inglaterra.

Aquelas mulheres reclamaram, apaixonadamente, uma série de direitos extra-familiares: direito ao voto, direito ao trabalho, direito ao ensino superior.

Escreveu-se repetidamente que se tratava de "solteironas, de famintas sexuais, de mulheres amargas cheias de ódio para com os homens. . . de mulheres que reclamavam seus direitos só porque lhes era impossível amar como mulheres. . .".

A história sabe que isto não é verdade.

Anna Maria Hasla, Lady Pankhurst, Sady Grove e Lucy Stone, Carrie Chapman Catt, Elisabeth Stanton, dirigentes do movimento feminista na Inglaterra, e nos Estados Unidos foram casadas e tiveram filhos: encontraram além disto, em seus maridos, os melhores aliados à sua causa; mas essas mulheres e o movimento que iniciaram não reclamaram diretamente direitos no âmbito familiar; reclamaram-nos apenas no âmbito público.

Depois de dura luta, conseguiram as feministas o que pretendiam. Foram-lhes concedidos os direitos que reclamavam com a condição tácita de que só os exerçeriam como alternativa, caso o caminho "normal" fosse impedido por algum obstáculo.

A mulher poderia estudar "caso não se casasse", e poderia trabalhar no caso de permanecer solteira, viúva ou sem recursos. Entendia-se que deveria fazer tudo para que sua audácia fosse perdoadas, ocupando postos "próprios de mulher", se não quisesse ser considerada extravagante e "pouco feminina".

As mulheres teriam, então, os mesmos direitos ao trabalho que o homem, com a condição de se contentar com salários mais baixos e com postos auxiliares. Poderiam votar mas não deveriam interessar-se por política. Poderiam administrar seus bens sem nunca aspirar, no entanto, a uma formação de tipo econômico, imprópria para seu sexo, etc.

#### UMA RAZÃO DE VIVER

O fenômeno de que as mulheres não tenham exercido nunca verdadeiramente seus direitos em nenhum país encontra justificativa, para alguns autores, nas leis da natureza. O Dr. Botella afirma peremptoriamente:

— "A razão de existir da mulher e seu lugar central na família não é algo

Glória Steinem, americana.



determinado por costumes humanos, por crenças ou por uma moral que permite, mais ou menos revista ou refletida, a existência da mulher no centro da família é uma premissa biológica, digamos zoológica, fundamental para a perduração da vida humana".

Outros autores, sobretudo biólogos, são da mesma opinião.

No entanto, o próprio Dr. Botella diz também que a mulher cataliza a partir de certa idade, se abortar, que seria necessário dar-lhe novo divertimento. Estou certa de que o Dr. Botella sabe que um profundo abandono se cura com "divertimento". preciso encontrar uma razão de viver e isto não se consegue assim tão facilmente.

Se todos, inclusive a própria interessada, creem que o destino da mulher é um imperativo biológico, uma função fisiológica, quando este já se puder realizar, sua vida se transformará num grande vazio. Um "divertimento", não será capaz de encher esse vazio. Se se identifica a mulher com uma função que só ela pode exercer, o desaparecimento da função equivalerá, para ela, a uma morte em vida. Exigir dela que viva essa morte de modo vivo, alegre, ativo, atrativo, acolhedor, estimulante é pedir-lhe, muitas vezes, que, ao contrário das mulheres pré-históricas têm uma vida média mais longa que os homens — transcorre à margem da luta da vida contra a morte".

A função natural da maternidade que só as mulheres podem exercer não ocupa toda a sua existência nem esgotaria as suas energias. Não há razão pois para se querer enclausurá-las num destino biológico que pode, agora, ser aceito ou repudiado livremente e que, de qualquer modo, não absorve todas as suas possibilidades humanas.

#### REIVINDICAÇÕES DA MULHER CASADA

A mulher casada reivindica o reconhecimento de sua identidade pessoal pagada durante longo tempo sob sua

função maternal, bem como da plenitude de sua personalidade, limitada por condicionamentos históricos.

Essas reivindicações apresentam aspectos diferentes, de acordo com as diferentes sociedades mas, em substância, podem concretizar-se em alguns pontos básicos.

#### LIBERAÇÃO DA AUTORIDADE DO MARIDO

Pode-se dizer, em geral, que quase nenhuma legislação reconhece a igualdade dos esposos ante a lei. Na Espanha o Código Civil é claramente discriminatório. O fundamento, a base de tal discriminação encontra-se no famoso artigo 57, que, de modo lacônico estabelece categoria legal a uma situação legitimada pelo costume. Diz assim: "O marido deve proteger a mulher e esta deve obedecer ao marido".

A mulher espanhola, por lei e por costume recebe, no matrimônio, tratamento de menor.

Mas as mulheres de hoje não pensam que devam obedecer ao marido. Creem mesmo que, de fato, suas antepassadas nunca lhe obedeceram de verdade e se negam a manter uma ficção que gratifique o amor próprio do marido à custa de um relacionamento falso. Por outro lado, não desejam também ser "protegidas". Só a idéia disto lhes parece um atentado à sua dignidade de pessoas adultas, autônomas, responsáveis.

Apresentam-se, como alternativas, soluções muito variadas, algumas mesmo bastante extremadas. No entanto, muitas mulheres aceitariam alegremente, o estabelecimento de uma responsabilidade plenamente partilhada com atribuições diferenciadas segundo as

aptidões de cada membro do casal e não fundamentada no sexo.

## REAPROPRIAÇÃO DO CORPO

Provavelmente a maioria das mulheres espanholas jamais ouviu essa expressão. Com ela, as ativistas dos movimentos feministas atuais desejam identificar uma aspiração quase unânime, percebida com maior ou menor realismo.

Este problema, no meu modo de ver, está mal colocado, mas é resposta direta a um argumento que sempre foi usado em favor da submissão da mulher. Desde a famosa e infeliz expressão — "a mulher é útero" — até à afirmação ridícula de que a mulher não pode libertar-se da biologia, as interessadas ouviram repetir até a saciedade que, em virtude de sua natureza, não podem fazer isto ou aquilo. Agora se empenham em demonstrar que sim, podem fazer o que quiserem; e reivindicam o direito de fazer de seu corpo o que sempre fizeram os varões: usar dele, livremente evitando as consequências que esse uso possa originar. Daí as campanhas em favor do aborto, da informação sobre contraceptivos, do divórcio, etc.

Este seria o aspecto negativo das reivindicações.

Representante dos E. Unidos, Diana Russel.



46

O aspecto positivo engloba o direito ao prazer nas relações sexuais e matrimoniais: o direito da esposa de expressar seu amor também com o homem por própria iniciativa e não unicamente como resposta; a libertação das mulheres; a superação de tantas inibições fomentadas pela educação e pelo costume.

## LIBERAÇÃO ECONÔMICA

Cavalo de batalha durante muito tempo, é esta a libertação mais fácil de se conseguir, em teoria, e mais complicada para se levar a cabo, na prática.

Em muitos países, os maridos, ainda os mais abertos e os mais tolerantes, se sentem incomodados se não sustentam economicamente a família.

Por intuição, desconfiam provavelmente ser esta libertação a que abre caminho a todas as outras. Uma mulher que depende economicamente do marido não pode fazer nenhuma revindicação, tanto na sociedade familiar quanto na sociedade global: o capital manda. Por isso, as feministas da Escola marxista sempre equilibram a libertação da mulher e a libertação do proletariado. Marx e sobretudo Engels têm sido abundantemente citados pelas feministas de todos os tempos, go "têm sido" porque o "Women Lib" não está de acordo, em geral, com suas colocações.

Simone de Beauvoir que, apesar do tempo transcorrido e das novas correntes de opiniões, continuaria sendo grande profetisa do feminismo de que em 1949 publicou seu livro "deuxième sexe", crê também ser útil falar-se da libertação da mulher, não se começar por sua libertação econômica, através do trabalho profissional.

Na família de tipo tradicional, na qual as funções são perfeitamente delimitadas e delimitadas, na qual o marido provê às necessidades econômicas e a esposa é a guardiã do lar, esse proble-

"É o trabalho o meio através do qual a mulher franqueou, em grande parte, a distância que a separa do homem; é o trabalho o único meio que pode garantir-lhe liberdade completa. Desde o momento em que ela cessa de ser uma parasita, cai o sistema fundamentado sobre sua dependência: já não há, entre ela e o universo, necessidade de um mediador masculino".

## AFIRMAÇÃO DO PRÓPRIO PROJETO DA VIDA

Segundo temos notado, como consequência do prolongamento da vida humana, duas terças partes da existência de uma mulher adulta transcorre à margem de sua função maternal.

É pois evidente que tal função não é motivação suficiente para justificar plena e exclusiva dedicação.

Embora casada, embora mães de família, as mulheres precisam dar sentido à sua vida ultrapassando funções que não esgotam suas possibilidades humanas. A dedicação a um trabalho profissional é, hoje em dia, o modo mais natural, mais imediato de realização. As outras possíveis atividades, salvo exceções, tendem a converter-se nos entretenimentos a que nos referimos mais acima.

Quando as mulheres casadas afirmam seus direitos de constituir seu próprio projeto de vida exigem que, nas previsões familiares, se levem em conta suas exigências pessoais e profissionais; que não tenham que ser sempre elas as sacrificadas diante das conveniências do marido.

Na família de tipo tradicional, na qual as funções são perfeitamente delimitadas e delimitadas, na qual o marido provê às necessidades econômicas e a esposa é a guardiã do lar, esse proble-

ma nem se coloca. A mulher e os filhos, seguem a cabeça da família em sua órbita, como a terra segue o sol.

Na família moderna, na qual os esposos são companheiros, numa tarefa comum, a eleição do domicílio conjugal é um assunto a ser considerado de acordo com as mútuas conveniências. E esta é uma das exigências na qual colocam mais ênfase as ativistas dos movimentos de libertação feminina, como expressão de toda uma reformulação de vida.

## EM DIREÇÃO AO FUTURO

Encontramo-nos atualmente em uma situação conflitiva, já que não é possível evoluir pela metade.

Em outros tempos a situação familiar era coerente. O marido era o chefe da família, o protetor da esposa e dos filhos, era aquele que ganhava o pão e afastava os perigos. A esposa cuidava do marido e dos filhos, mantinha o fogo do lar e acolhia o esposo quando voltava, fatigado de sua labuta diária. Ele era o mediador entre a família e um mundo exterior que a esposa não devia conhecer.

Aquele equilíbrio, precário, mas eficaz, rompeu-se no dia em que a mulher saiu para o mundo exterior e se preparou para agir na sociedade.

Já não é possível voltar atrás e talvez ninguém pretenda mesmo voltar; mas muitos desejariam reter o processo, colocando-o em ponto morto. Desse totalmente irrealizável, até que encontramos um novo equilíbrio que substitua o anterior.

Existem, no entanto, dois mundos claramente diferenciados, que se denominam feminino e masculino. O homem vive instalado no seu, de um modo relativamente cômodo. A mulher

realiza um movimento de vai-vem para passar, constantemente, de um para outro; no mundo chamado masculino se destacam certos valores e, no feminino, outros, totalmente diferentes.

Domínio do homem, a sociedade atual exige seres eficazes, competitivos, frios, racionalistas, organizados... A família exige da mulher que seja terna, acolhedora, disponível, intuitiva, cooperadora. Não é possível viver, ao mesmo tempo, em dois mundos culturais opostos, sem se expor a cair na esquizofrenia. Nem os homens poderão suportar esta tensão ("as contradições entre os valores que a vida da família tem a missão de preservar e os valores promovidos pela sociedade capitalista é, em geral, em último termo, insustentável"); mas a mulher está mantendo este esforço desde o momento em que transpõe o umbral de seu lar e já se cansou de carregar, sobre seus ombros, uma responsabilidade tão esmagadora.

### UM NOVO HUMANISMO

Os caminhos da solução indicam uma mudança total da sociedade — tema repetido na literatura dos movimentos de libertação da mulher, em todos os países: "Para a maioria das mulheres de "Women's Movement" e inclusive do Women's Liberation Movement", não se tratou nunca de libertar a mulher do homem, mas sim, de libertar a ambos de tudo o que, na sociedade, os mutila, sejam instituições ou papéis sexuais. Porque o novo feminismo é um novo humanismo".

Em outro contexto, totalmente diferente, Gisele Halins, advogada mundialmente conhecida pelos célebres processos em que atuou como defen-

sora, escreve: "Libertar a mulher implica numa mudança de estruturas, numa mudança de relações econômicas. Mas implica também numa mudança na forma machista de se exercer o poder. E implica, inclusive — e esta é a pedra de toque desta luta — uma revolução de mentalidades, num mundo que é preciso mudar em seu "comércio", em sua relação, em sua cultura. O homem deverá aprender novo a viver".

A nova sociedade que essas mulheres desejam construir apresenta formas muito diferentes segundo os diversos grupos e movimentos feministas; permanecem, no entanto, certas características praticamente inalteráveis.

- 1 — A mulher, solteira, casada, viúva, separada ou divorciada, mais viverá à custa do homem.
  - 2 — Não existirão atividades femininas e masculinas, mas apenas atividades humanas que serão realizadas por pessoas capacitadas e não a elas designadas por seu sexo.
  - 3 — Não existirão, portanto, também, valores masculinos ou femininos, mas sim valores humanos que toda a comunidade esforçará por promover, segundo suas características pessoais (se o sexo acrescenta algo a essas características pessoais, aparecerá como nota diferenciada, nunca se devendo dizer, a priori, o que será e como se manifestará).
  - 4 — A família e os filhos serão igualmente, responsabilidades do pai e da mãe.
  - 5 — A família não será um "gheto"
- fechado, mas será aberta à comunidade.
- 6 — Na prática isto significa que, nesta sociedade que se projeta, todas as pessoas (homens ou mulheres) devem ter as mesmas possibilidades de educação, de formação profissional, de exercício da profissão, em todas as etapas de sua vida.
- 7 — Os que quiserem constituir uma família devem decidir, de comum acordo, como vão resolver os problemas domésticos e familiares, com a ajuda eficaz dos serviços públicos (serviços familiares, creches, escolas, etc.).
- 8 — Criar espaço para as crianças não é apenas constituir e equipar maternidades, creches, escolas, jardins; é, sobretudo, crer nos valores que tornam possível a existência e a sobrevivência da criança; crer que a ternura, o desinteresse, a disponibilidade, o brinquedo são valores dignos da sociedade global e não apenas qualidades

extravagantes (em sua aceitação mais direta) próprios de crianças e de mulheres.

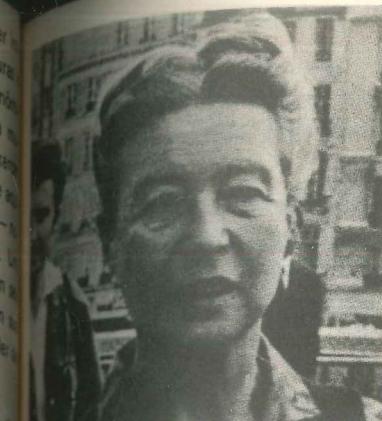
### OS CAMINHOS MELHORES

Não podemos esperar, no entanto, que uma transformação tão radical dos diferentes papéis que desempenham marido e mulher, pai e mãe, se realize sem passar por certo desajuste, maior ou menor, em tempo e profundidade, em relação direta com a resistência que oferecemos à mudança.

Em resumo, no meu modo de ver, o movimento de emancipação da mulher casada encerra elementos muito positivos que seria necessário descobrir e potencializar; esta seria a política mais acertada para destruir os elementos negativos, que realmente existem nesses movimentos e que são os que mais se comentam e os que mais se evidenciam.

Segundo todos os indícios essa transformação se realizará conosco, os crentes e os católicos, ou sem nós (contra nós, nos parece provável, pois que desde já nos ignoram); talvez tenhamos tempo, ainda, para escolher sua fórmula. Uma coisa no entanto, parece certa e alguns sociólogos já a identificaram. Se, desta vez, a Igreja Católica não descobrir sua posição adequada, a deserção das mulheres será tão grave e tão universal como o foi a do proletariado em outros momentos históricos que tem certa semelhança com o atual.

Poderia parecer um desafio e é somente uma constatação realista, dirigida àqueles que ainda se sentem responsáveis dentro da comunidade eclesiástica; não confiem demasiado no devoto sexo feminino porque estão no perigo de perdê-lo, talvez por muitos séculos.



Simone de Beauvoir — Líder francesa.

## uma família invejada

Helio e Selma Amorim

Eis uma curta dramatização que destaca situações familiares muito comuns.

Um grupo de amadores pode encená-la em qualquer ambiente, para provocar debates.

Se ensaiada com certo cuidado, pode ter sucesso em reuniões de pais, encontros de casais ou outras circunstâncias em que estejam presentes pessoas dispostas a rever as suas relações familiares. É válido todo recurso à improvisação. A criatividade e a expontaneidade devem ser incentivadas para enriquecerem o texto e adaptá-lo a cada ambiente concreto.

Se for difícil uma encenação, mesmo que improvisada, ainda vale a simples leitura do texto diante do grupo que vai debatê-lo.

Para isso, basta escolher um grupo de pessoas de razoável dicção e alguma expressão dramática. No final, deve ser proposta aos participantes, através de uma técnica qualquer de dinâmica de grupo, a crítica ao comportamento desta família e de cada um de seus membros.

### OS PERSONAGENS

O pai: Josias, 42 anos, autoritário, firme e decidido. Funcionário muito dedicado ao trabalho; impaciente em casa.

A mãe: Joana, 36 anos, dependente e submissa. Tenta reagir timidamente à dominação do marido. Fala com mansidão e espírito conciliador, tentando modificar as relações familiares tensas. Omite-se nas oportunidades de diálogo.

Os filhos: João, 17 anos; Zé Carlos, 16 anos; Débora 14 anos; enfrentam o autoritarismo sufocante, sem sucesso. Falam, às vezes, com firmeza mas cedem ante a intimidação paterna. São inconformados com o nível precário de comunicação com os pais.

**Colégas de trabalho e vizinhos:** pessoas comuns, sem destaque especial.

**Comentarista:** Voz que intervém entre as cenas, destacando, com ironia, certos aspectos do comportamento dos personagens.

### O CENÁRIO

- Ao centro, recuada, a mesa, com cinco cadeiras, demarca a sala de jantar.
- Ao lado, em primeiro plano, duas cadeiras de varanda ou jardim, com algum detalhe que configure o ambiente.
- Do lado oposto, duas poltronas diante da TV, demarcam outro ambiente da mesma casa.
- Na frente da cena, afastada, uma mesa de trabalho, cheia de pastas, papéis e objetos usuais de um ambiente de repartição ou escritório.

### CENA 1

No final do expediente da repartição, Josias arruma a sua mesa de trabalho iluminada com uma lampada de mesa, e vai colocando na pasta alguns papéis que deve levar para ler em casa. Um pouco afastados, dois colegas o observam e comentam algo sobre o seu chefe. Na sala de estar, iluminada com luz azulada, os três filhos assistem TV, esparramados nas poltronas. A mesa está posta para o jantar.

**COLEGA M:** "Você conhece a família do Josias?"

**COLEGA N:** "Não . . . por que?"

**COLEGA M:** "Dá inveja na gente! A mulher dele cuida de tudo e até parece que advinha os desejos dele!"

**COLEGA N:** "Eles tem filhos?"

**COLEGA M:** "E que filhos! Tem um respeito danado pelo nosso chefe. Só vendo é que a gente acredita! . . ."

Enquanto se ouve o comentarista, os dois colegas vão se afastando. Josias acaba de arrumar a sua pasta, veste o paletó, apaga a luz da mesa e também se retira, andando lentamente em direção à sua casa, aproximando-se do ambiente seus filhos assistem TV.

**COMENTARISTA:** Ah! O Josias tem mesmo uma família encantadora. Admirada por toda a vizinhança! Nunca se viu — nem se ouviu. . . uma única briga naquela casa! Parece que eles descobriram mesmo a fórmula mágica. Fraternidade ainda pode existir na família. . . Não é Josias? Por isso, você está

ansioso por chegar em casa. Vamos! Apresse-se! Sua família o espera! . . ."

### CENA 2

Josias acaba de chegar em casa. Pousa a pasta, tira o paletó e afrouxa a gravata. A cena é iluminada pela luz azulada da TV. Os três filhos estão atentos à TV e respondem distraídos, ao mesmo tempo sem encontrar o pai, sem afastar os olhos do vídeo. Ouve-se um prefixo musical e um locutor transmite uma mensagem. Josias tem que falar alto para ser ouvido.

JOSIAS: "Boa noite pra todos" (voz cansada, descolorida).

ZÉ CARLOS: "Boa noite pai".

JOÃO: "Oi, pai".

DÉBORA: "A bênção".

LUCUTOR TV: "Fraternidade (música de fundo). . . uma sociedade sem ódios. . . sem guerras. . . Fraternidade. . . Comece em sua casa!" (A música de fundo continua).

JOSIAS: "Se todos seguissem o nosso exemplo o mundo ia ser diferente. Mas hoje as famílias não sabem mais o que é fraternidade! (Tira a gravata). É só briga e falta de respeito! (Pega a pasta e o paletó e vai se afastar). E agora desliguem esse maldito instrumento de tortura. (Zé Carlos se levanta e desliga o aparelho. Silêncio. A luz azulada se apaga).

### CENA 3

Na obscuridade todos tomam lugar na mesa de jantar, inclusive Joana. Josias nova cena. Todos com talheres na mão, prestam atenção aos seus pratos ou olham distraídos para qualquer ponto indefinido. Não encaram o pai que está falando.

JOSIAS: "A gente tem que agradecer Deus por essa harmonia, ouviram (Pensa. Silêncio). Porque está tudo mundo calado? Até parece que não concordam comigo?" (Pensa. Silêncio). Que é que há? Não concordam?! (Silêncio). Vão querer dizer que a gente não vive em harmonia? Não temos brigas, não faz nada em casa. . . Não tenho queixa de vocês. . . Que é que há então? (Silêncio. Josias se levanta magoado e surpreso). Você são uns ingratos. Não reconhecem o sacrifício que faço por vocês. Páim chega! Continuem devorando o jantar que eu ganhei com meu suor! Perdi o apetite. (Afasta-se. Os outros se olham mudos. Josias continua falando resmungando enquanto se dirige para a varanda).

JOSIAS: Jantar assim me dá úlcera

### CENA 4

Josias senta-se na cadeira de balanço. Joana o acompanha. Leva uma cesta de trabalhos ou bordados para fazer e se senta na outra cadeira, ao lado de Josias. A luz se dirige à nova cena e na obscuridade os filhos se retiram, levando pratos e talheres.

JOSIAS: "Essa conversa no jantar me deixou irritado!"

JOANA: "Nem foi conversa. . . Só você falou, Josias. . ."

JOSIAS: "Por isso mesmo! Parece que todos perderam a língua!"

JOANA: "Eu acho que às vezes eles tem medo de você. . ."

JOSIAS: "Medo por que? Eu sou algum bicho-papão? Não faço tudo por eles? Não cuido de você? Falta dinheiro? E estou sempre pulando conversa. Se não dá diálogo a culpa é de vocês. Você viu no que deu aquele papo de terça-feira? (A luz se apaga. Na obscuridade, todos voltam rapidamente a mesa e a luz ilumina fortemente e nova cena).

### CENA 5

Reunião de família. Os cinco em torno da mesa. Todos os olhares fixados em Josias, curiosos e descontentes.

JOSIAS: "Resolvi não deixar ninguém sair esta noite pra ver se a gente conversa um pouco".

ZÉ CARLOS: (Tom lamentoso e apelativo) "Mas pai! Eu tenho que ir na reunião do grupo que vai organizar a Feira. Passei a tarde prestando o plano pra ler agora à noite. Se o senhor tivesse avisado antes, eu não tinha marcado".

JOSIAS: (Sarcástico) "Essa Feira é besteira! E pode esperar outro dia. Mais importante é a família se reunir pra dialogar. Aliás, estou cansado de dizer que. . ."

JOANA: (Cortando) "Vamos deixar que eles falem, Josias?"

JOSIAS: "Já sei! Já sei! Eles é que tem o direito de falar. Eu devo ficar calado. Está bem. Falem! Falem! Pausa, silêncio). Como é? Ninguém diz nada? (Silêncio).

JOÃO: "Assim não dá, pai. Papo de encomenda e de hora marcada não da pé. . ."

ZÉ CARLOS: "A gente devia poder dialogar a qualquer hora que desse vontade, sem ter que sentar todo mundo junto. . ."

DÉBORA: . . . e logo na hora que a gente já tinha programa feito!"

JOSIAS: (Caustico, ferido) "Então agora é assim que vocês falam com seu pai, não é? Vocês não acham que estão abusados um pouquinho demais?

JOÃO: (Conciliador) "Não é nada disso pai. A gente precisa desse papo. Tem muita coisa esquentando a cabeça e que precisa sair. . ."

ZÉ CARLOS: . . . mas tem que sair na hora que a gente precisa. Depois que passa o momento mais quente, passa também a vontade de falar sobre a coisa".

JOSIAS: "Que coisa, por exemplo?"

DÉBORA: "Quer que eu diga uma? No dia que a gente souve que o senhor estava resolvendo a nossa mudança pr'aqui, todo mundo queira discutir o assunto. Mas não teve jeito. . ."

JOSIAS: "Ora, bolas! Não era assunto pra vocês! Há coisas que eu sei resolver melhor. Eu sei o que é bom pra minha família. Tenho mais experiência, e posso ver as coisas mais longe!"

JOÃO: "Então pra quê que a gente está sentado aqui?"

JOSIAS: "Você também está ficando abusado. Estou aqui perdendo tempo com vocês pra ver se alguém precisa de algum conselho e da minha experiência. Não é pra ser desacatado pelos meus próprios filhos! . . . Diálogo agora dá nisso. Em vez de harmonizar mais a família, só serve pra todo mundo se agredir.

ZÉ CARLOS: "É. . . o melhor é não ter diálogo. . . Vai prejudicar a nossa imagem no exterior. . .

JOSIAS: "Você está sendo cínico mas, está certo! Muito papo e confiança dá nisso. Já chega de falta de respeito. Podem sumir da minha frente!" (A luz se apaga. Josias e Joana retornam à mesma cena interrompida, na varanda, e os demais saem de cena).

#### CENA 6

Josias na cadeira de balanço, mergulha na leitura do seu jornal, enquanto Joana se distrai no bordado.

JOANA: "É. . . na terça-feira foi péssimo. . . Acho que você não deu chance. É preciso a gente ouvir com atenção e simpatia o que eles tem a dizer. . . da maneira deles. . . quase como se nós fôssemos irmãos mais velhos. . . assim. . . fraternalmente. . ."

JOSIAS: (Áspero). "É engolir atrevimento sem dizer nada? Isso é fraternidade? Pra mim é desordem e indisciplina!"

JOANA: (Sem encarar o marido). "Mas se você estivesse sempre à disposição deles quando está em

casa. . . se a coisa fosse espon- nea. . . eles iam sentir confiança amizade. . . iam perceber que eu lhes dá atenção na hora que eu precisam. . ."

JOSIAS: "Eu sei o que você quer, cê se chateia porque eu não gosto de ser interrompido quando estou lendo o jornal. Então eu, só eu que chego estourado do trabalho. Nem jornal, nem Kojak, nem Noticiário Nacional! Nada! Deixar de plantão à disposição dos meus queridos rebentos. A posição deles. . . se eles querem. . . quando quiserem, hora certinha. . . Não é isso depois? Vou ser declarado de utilidade pública?!. . .

JOANA: (Persuasiva) "Não é isso, Josias. É apenas eles sentirem que você aceitaria interromper a leitura do jornal se eles precisarem conversar alguma coisa".

JOSIAS: (Magoado) "Cada vez que vejo melhore que ninguém me comprehende. . . Nem você. Quando eu acabei com aquela história de você dar aulas, você me perdoou. E no entanto, só para o seu bem!"

JOANA: "Mas você sabia que eu sempre gostei de dar aulas. Aquilo obrigava a estudar. . . a me matar. . ."

JOSIAS: (Cortando). . . e a relaxar os cuidados com a casa e os filhos. não é? E sem dar aulas você ficou mais tempo pra estudar e atualizar, se é isso que você quer.

JOANA: (Tom desanimado) "Com rotina da casa a gente vai per-

do o ânimo de ler e estudar. E o diálogo com os nossos filhos vai ficando mais difícil. Eles estão estudando e vão passando a nossa frente. Eu tentei lhe dizer isso, mas você. . .

JOSIAS: (Cortando) "Agora é a moda! As mulheres parecem que de repente ficaram com vergonha de serem apenas esposas e mães. Tem que trabalhar fora pra se realizar. . . pra se atualizar. . . essas coisas. . . No fundo é pura mania de imitação! Quando não é fuga às responsabilidades principais!"

JOANA: (Entregando os pontos) "É, Josias. . . Você sabe tudo o que é bom para nós. . . Você tem tanta experiência. . . E nós nos orgulhamos tanto da nossa harmonia que todos invejam, não é? Não vamos agora começar a discutir. . . Estamos vivos e felizes. . . Por mim está tudo bem. . ."

JOSIAS: (Bocejando) "Você é uma mulher sensata, Joana. (Levanta-se e vai se afastando da cena). Agora boa noite que eu estou podre de cansado. . ." (Joana interrompe o bordado e fica olhando um pouco distante, pensativa, enquanto se ouve a voz do comentarista).

COMENTARISTA: "Assim termina um dia comum na vida de Josias. Mas, para Joana, ele ainda não acabou. A amargura acumulada. . . e o esvaziamento que ela vai sentindo, vão prolongar por algum tempo a sua noite, na vigília angustiada de uma esposa sufocada que já não sabe reagir. E os gestos amorosos de antigamente? Ora!. . . é melhor não sonhar demais. . . (A luz se apaga).

#### CENA 7

Na saleta da TV, Débora está encolhida numa poltrona como se desejasse dormir. Tem na mão um papel. A cena é iluminada por luz fraca, azulada.

COMENTARISTA: "Débora ainda não foi dormir. . . As perplexidades de seus quatorze anos ainda a mantêm acordada. . . Ah!. . . que ideia de confusa. . . Acabou de escrever um bilhete para a mãe. . . O diálogo ao vivo anda tão difícil. . . E quanta coisa pra dizer! Ela anda tão confusa com seus pequenos conflitos sentimentais!. . . Agora está na dúvida: rasgar o bilhete ou colocá-lo na bolsa da mãe? O sono a vence, antes de decidir-se. Hoje, tentou abrir-se. . . mas não deu certo. (O papel cai da mão de Débora).

DÉBORA: (Fala dormindo, voz sussurrada) "Mãe eu queria falar uma coisa com você. Mas é assunto particular. . ."

JOANA: (Sua voz vem dos bastidores) "Não me diga que ainda é aquela bobagem do Carlinhos!".

DÉBORA: (Dormindo) "Não é boba-gem, mãe!.. ."

JOANA: (Voz) "Já lhe disse pra esquecer as criancices do Carlinhos! Na sua idade você tem que pensar é nos seus estudos e nas coisas da casa que são tarefas suas! Era isso que você queria me falar?"

DÉBORA: (Dormindo) "Não. . . (pausa) Não era nada, mãe. . ." (A luz se apaga).

### CENA 8

Na varanda, Zé Carlos e João, sentados no chão, conversam antes de dormir. A iluminação desta cena já os mostra dialogando.

ZÉ CARLOS: "O velho estava atacado hoje, pô!..."

JOÃO: "E já pensou se a gente tivesse falado tudo o que queria? A bronca ia ser feia!"

ZÉ CARLOS: "E ele vive botando banca que a nossa família é exemplo de harmonia. . . essas coisas. . . fraternidade. . ."

JOÃO: "Harmonia até que tem. . . A gente não pode abrir a boca pra discordar dele. . ."

ZÉ CARLOS: "E o diabo é que a gente sabe que ele gosta da família. Tem coisa errada nessa transa toda".

JOÃO: "É. . . Não adianta esquentar a cuca. Eu vou dormir. . ." (a luz se apaga).

### CENA 9

A mesa está preparada para o café da manhã. Todo o cenário está bem iluminado. A família toda circula, preparamo-nos para um novo dia. Só João não apareceu ainda. Ambiente de corre-corre. Todos falam ao mesmo tempo.

DÉBORA: "Bom dia, mãe! A bênção!"

ZÉ CARLOS: "Oi, mãe. Quê dê meu tênis?"

JOANA: "Deus abençoe! Que t...  
JOSIAS: "Andem mais depressa!"  
JOANA: "Teu material está pro...  
Não vai esquecer o livro da vez!"

ZÉ CARLOS: (Grita) João! Anda logo com esse banho!"

JOSIAS: "Não quero ninguém chegar atrasado. (Vão se sentando) mesa. João aparece abotoando camisa).

JOÃO: "Pai, o senhor se lembrou de quele negócio que nós lhe pedimos?"

JOSIAS: "Bom. . . (pausa) Lembraram. Mas não vou deixar. Não sou bom pra vocês".

JOÃO: (Espantado) "Mas pail! Voc...  
JOSIAS: (Esquivo) "Nós não precisamos de ajuda e bem temos tempo sobrando pra ajudar. Cada reunião, é tempo que a gente está roubando da própria família. Cada um devia cuidar de si e não se meter na vida dos outros!"

JOSIAS: (Correndo) "Não insistam! Eu sei o que lhes serve! Não vamos começar tudo de novo! Tem de correr que estamos todos atrasados. (Acabam de tomar café em silêncio, apressados e vão dando de cena, carregando livros, pastas e cadernos, todos demonstrando decepção. Josias e Joana vão encaminhando para a varanda.)  
JOANA: (Decepção) "E a tal fraternidade que você tanto fala? Não somos responsáveis uns pelos outros? Ou é cada um por si e Deus por todos?!"

### CENA 10

Josias e Joana, na frente do centro despedem-se, acertando o programa do dia. Ela segura a pasta enquanto Joana veste o paletó.

JOANA: "Esta noite temos que ir naquela reunião de casais. Você prometeu ao Daniel, lembra?"

JOSIAS: (Contrafeito) "Que chateação! Tinha me esquecido! Vê se arranja uma desculpa. . . Esse negócio de reunião acaba em confusão. Tem sempre alguém, doido pra desabafar. . . e roupa suja se lava em casa!"

JOANA: (Insistente) "Não é assim, Jo...  
sias! São casais e pais como nós, que tem as mesmas preocupações e os mesmos problemas! A gente acaba sempre se ajudando uns aos outros".

JOSIAS: (Esquivo) "Nós não precisamos de ajuda e bem temos tempo sobrando pra ajudar. Cada reunião, é tempo que a gente está roubando da própria família. Cada um devia cuidar de si e não se meter na vida dos outros!"

JOANA: (Decepção) "E a tal fraternidade que você tanto fala? Não somos responsáveis uns pelos outros? Ou é cada um por si e Deus por todos?!"

JOSIAS: (Tom paternal, paciente e profissional) "O mundo mudou muito, Joana. Você não entende estas coisas. Hoje a gente vive numa selva e tem que se cuidar pra não ser engolido. Conheço bem

essa guerra. Os que quiseram pensar mais nos outros do que na própria família, quebraram a cara. Hoje, a gente tem que competir e ganhar. Quem perde não tem mais vez! . . . (Olha o relógio) Meu Deus! Oito e meia! Até logo, meu bem! (Beija Joana e se afasta apressado. Joana permanece parada, olhando para um ponto distante, profundamente triste. Duas vizinhas, no canto oposto, observam a cena de despedida).

COMENTARISTA: "Assim começa mais um dia. . . igual a todos os dias. . . na vida de uma família invejada por toda a vizinhança. . ."

VIZINHA A: "Como eles se entendem!"

VIZINHA B: "Nunca se viu aqueles dois brigando".

VIZINHA A: "E os filhos!. . . Como são obedientes. . ."

VIZINHA B: "Que bom se todas as famílias fosse assim. . ."

COMENTARISTA: "É. . . a família de Josias e Joana é mesmo admirada por seus encantados vizinhos. . . Parecem um exemplo de família feliz! (Joana se senta e as mãos lhe cobrem o rosto) Mas. . . será que a fraternidade mora mesmo em sua casa? . . . Não chore Joana. . ." (Música. As luzes se apagam).



## a música de Chico

José e Zilda Villela

Amanhã ninguem sabe...  
Quero cantar o Amor  
Antes que o Amor acabe.

Quem canta comigo  
Canta o meu refrão  
Meu melhor amigo  
É meu violão.

Hoje eu sou sem compromisso  
Sem relógio, e sem patrão

No meu samba eu digo  
O que é de coração  
Quem canta comigo...

E cada qual no seu canto  
Em cada canto uma dor  
Depois da banda passar  
Cantando coisas de Amor

Ela é o fogareiro  
Ela é o seu calor  
Ela é sua janela  
Esperando...

Você me navegou  
Mares tão diversos  
Eu fiquei sem versos  
Eu fiquei em vão...

O que dizer da música de Chico Buarque de Hollanda? Dá tanto o que cantar e pensar... Para falar de Chico e sua música melhor seria transcrever seus versos — os que foram cantados e os que tiveram de ficar guardados. É bem melhor ler o que ele criou do que ler sobre ele. Mas sempre se tem algo a dizer. Não melhor, mas sentido de outro ângulo. Chico tem a linguagem do povo. Fala da vida simples, do dia-a-dia de nossa gente. Com beleza e com amor. Com genialidade e lucidez de sobra para criticar as coisas do nosso tempo. Chico é um poeta encarnado, profundamente preocupado com a vida, com as dificuldades crescentes do homem que precisa sobreviver numa sociedade que o isola.

Mas Chico faz crítica com um doce romantismo, às vezes triste, às vezes energico. Sempre ligado aos outros, à comunidade, não é abstrato, não fica nas nuvens. Não põe pra fora apenas pensamentos e idéias que nada tenham a ver com o Homem, com a gente simples e concreta que canta a sua música.

Deve ser grande a sua alegria ao ouvir um operário assobiando um de seus sambas ou uma criança cantando os seus versos. Versos puros que atingem o coração de quem canta — e fazem parar pra pensar.

*"Vem que passa teu sofrer  
Se todo mundo sambasse  
Seria tão fácil viver".*

Para Chico, sambar é mais que dar uns passos pra cá e outros pra lá. É mais que cantar seu refrão. Sambar é participar. É sofrer, é lutar pela vida. É crescer e desenvolver valores em benefício de todos.

*"Aqui na terra tão jogando futebol  
Tem muito samba, muito choro,*

*muito rock'n roll".  
Uns dias chove, outros dias bate sol.  
Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta..."*

Com sutileza, mas transparência, ele dá o recado. Tem samba, chuva, sol, futebol. Mas a coisa "tá preta". É duro aguentar o rojão. É preciso engolir sapo no caminho, dar pírueta, cavar o ganha-pão.

Mas Chico tem esperança. Pedro Pedreiro revela a sua certeza em algo indefinido, mas lindo que o mundo, maior que o mar. Talvez não saiba exatamente o que é. Mas na sua dor de esperar tanta coisa que não vem, ele continua sabendo que espera algo que vem, que já vem, que já vem.

O que exatamente espera? Pedro não sabe. Talvez o poeta mesmo não saiba. Não há soluções prontas nem resposta para tudo.

Pedro Pedreiro, penseiro, vai descobrir as suas próprias respostas, para as suas dores e alegrias, para as suas esperanças e desalentos.

Um dia, não haverá mais dúvidas, como as que ainda hoje o perseguem:

*"O que será que será  
Que andam suspirando pelas alcovas  
Que andam sussurrando em nervos e trovas  
Que andam combinando no breu das tocas  
Que andam acendendo velas nos becos  
Que estão falando alto pelos botecos  
E gritam nos mercados  
Que com certeza está na natureza".*

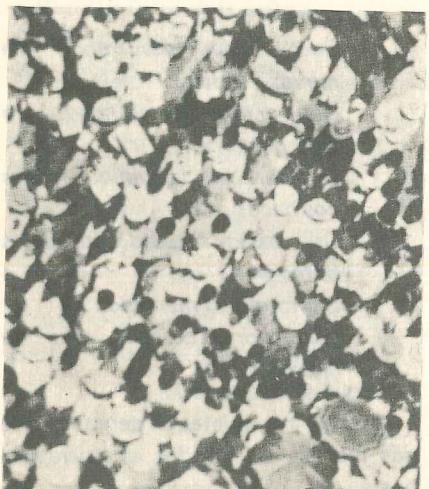
O que será, que será?

Esta é a inquietante pergunta que nos martela os ouvidos e espera resposta.

# algumas perguntas incômodas...

Afirmam os documentos de Medellin — e nos cansamos de repetir tranquilamente essa afirmação: — a família, em nosso continente, tem a missão de formar pessoas, educá-las na fé e promover o desenvolvimento.

Essa tríplice missão da família latino-americana nos parece válida, necessária e oportuna. Perguntamo-nos, no entanto, se, em Medellin, elas teriam sido propostas como metas, como



ideais a serem perseguidos ou constatação de uma realidade enciada.

Perguntamo-nos como poderão mar pessoas e educá-las na fé, fortemente influenciadas por uma ciedade de consumo que tende a viciar e massificar os homens, com a força e a influência dos grupos econômicos internacionais no serviço do enriquecimento de uma pequena minoria...

Perguntamo-nos como poderão cumprir as três missões que lhes atribuídas vivendo em um mundo que, ou Deus não existe ou, se existe, se relaciona com os homens, não no seu contexto humano e cultural, numa espécie de "terra de ninguém". — Num terreno que não tem qualquer paralelo ou relação com os seus compromissos existenciais.

Perguntamo-nos, ainda, como a Igreja mará e educará seus membros, de modo autenticamente humano e autenticamente evangélico num complexo político-educacional montado para domesticá-los e torná-los inofensivos e amorfos.

Parece-nos que, se não partirmos para uma reformulação global da visão do homem e das estruturas que o julgam, não poderemos esperar que a família seja, realmente, formadora de pessoas, educadora na fé e promotora do desenvolvimento.

Sem essa revisão em profundidade conseguiremos apenas que as famílias cristãs repitam e afirmem, com convicção, essa missão que é de fato a considerando-a realizada pelo simples fato de a terem aprendido, tranquilizando assim suas consciências diante da impossibilidade palpável de rezá-la verdadeiramente.



## roteiros para reuniões e debates

- apresentamos, a seguir, diversos roteiros para reuniões e debates
- escolha dentre esses os temas que interessem ao grupo
- selecione as perguntas mais adequadas
- leia, com especial atenção neste número, artigos relacionados com os temas escolhidos
- escolha a dinâmica ideal para motivar o debate
- cada número da revista oferecerá outros roteiros e temas sempre atuais.

## "meu filho é um problema"



Finalmente, desesperada, decidiu-se. Não sabe mais o que fazer por seu filho. Ainda relutante, vai consultar o psicólogo que tanto lhe andam recomendando.

Agora, diante dele, sente-se confusa.

Não sabe por onde começar.

— "É sobre o meu filho, doutor. O Beto já é quase um adolescente, mas parece uma criança. Insuportável. Se o senhor soubesse quantos desgostos ele me tem dado. É assim que ele retraiu todo que lhe dei!"

— "São muitos irmãos?"

— "Não. É só ele. Não quis ter outro filho para poder dar ao Beto toda dedicação e proteção. Acho que isso eu nunca falhei. Mas veja o resultado: Ele me odeia. Esquece que fui sempre a sua proteção contra todos. Até contra os colegas eu o defendia".

— "A senhora o defendia dos companheiros?"

— "Claro, doutor. Ele sempre se sentiu seguro junto de mim".

— "Então ele nunca precisou se defender não é?"

— "Isto eu lhe garanto, doutor. E ainda lhe digo mais: até na escola eu tinha que protegê-lo. Foi preciso mudar de Escola várias vezes. Sempre notei que as professoras implicavam demais com o Beto.

Ele se revoltava com razão. Por isso ele hoje não quer nada com o estudo. Era uma criança muito sensível e as professoras não o comprendiam. Tive brigas memoráveis com algumas professoras irritantes. Só sabiam castigar. Como ele sofreu, coitado!".

— "Afinal de contas ele só era admirado pelos pais . . ."

— "É verdade, doutor. Mas nós procuramos compensar essa perseguição toda. Sempre que havia oportunidade nós o elogiávamos diante de todos. Às vezes eu acho que chegávamos a ser um pouco maçantes com os amigos. Mas era preciso animá-lo depois de tanta incomprensão. Não sei se isto ajudou . . ."

— "Isto não o tornava muito vaidoso?"

— "É claro que ele sentia prazer nesses elogios. Mas também na hora dos castigos nós sabíamos ser severos!".

Quando a travessura era mais séria eu deixava o caso por conta do pai dele, que não é brincadeira quando fica zangado . . .".

Eu ainda me lembro de uma surra memorável que ele levou do pai no dia em que o peguei tirando a roupa da menina da minha vizinha, dizendo que era para brincar de médico.

Meu marido ficou furioso.

## "meu filho é um problema"

Acho que naquele dia ele perdeu a cabeça . . .

— "Castigou o filho porque estava brincando de médico?"

— "Essas coisas de sexo devem ser cortadas pela raiz. É um instinto mau. Somos muito religiosos e temos princípios morais muito rigorosos a esse respeito. Não podemos deixar que nosso filho se desvie desses princípios. E essa é uma das mágoas que temos de Beto. Ele odeia a religião que lhe ensinamos.

Eu me lembro que uma noite em que ele sentiu de perto a mão de Deus: Num momento de raiva ele quebrou uma imagem que eu guardava com muito respeito.

Estava chovendo.

Bem naquele momento começou um temporal violento: trovoada e relâmpagos assustadores. A luz de apagou. Quando consegui acender uma vela vi o Beto ajoelhado chorando diante da imagem quebrada, rezando desesperadamente . . .

Foi uma boa lição.

Pena que só durou até a chuva passar.

— "A idéia que ele tem de Deus é a do chefe zangado que castiga as crianças desobedientes?"

— "Doutor. Deus é o único freio que nos resta!"

É claro que nós também ensinamos ao Beto o amor e o respeito aos outros. Condenamos a guerra.

Nunca permitimos que ele tivesse brinquedo que despertassem a violência. Ele nunca teve nem sequer uma pistola!

— "E isso o fez menos agressivo que as outras crianças?"

— "É o que eu não entendo: mesmo assim, o Beto é agressivo e destruidor. Sempre desmantelava todos os brinquedos. Meu marido costumava guardar, à chave, os brinquedos mais caros que nós lhe dávamos. E ele só brincava às vistas do pai.

É a mania de desmanchar para ver como é por dentro.

— "Não seria uma curiosidade natural esse querer-ver-por-dentro?"

— "Curiosidade coisa nenhuma! Simples espírito de destruição. Ele quebra tudo que pega. Não é capaz de servir um copo d'água sem dar algum prejuízo.

E não é por falta de recomendação. Eu lhe peço tanto cuidado que até acho que ele o quebra por vingança. E se castigo adiantasse, a coisa seria bem diferente!

O que este menino já apanhou por quebrar coisas . . ."

— "Não será problema de coordenação motora?"

— "Confesso-lhe que nem sei o que é isso, doutor. O que sei é que ele é mesmo desastrado. Vive caindo à toa. Já quebrou o braço três vezes.

E no entanto, por saber como ele é, nunca o deixei entrar em brincadeiras perigosas, como aquelas barras de ferro e balanços de parques públicos. Na piscina, então, tenho verdadeiro pavor. Se eu não tivesse tanto cuidado, ele estaria morto ou aleijado. Tenho certeza!

— "Isso não o faz medroso?"  
— "É melhor ser medroso e ficar

teiro do que ser corajoso e ficar aleijado.

Aliás, ele sempre foi um pouco apavorado desde pequeno. Ele tinha uma babá que vivia lhe contando estórias de bruxas e assombrações.

Era tão difícil arranjar outra babá que eu acabava tolerando aquela maluca".

— "Não seria melhor não ter babá?"

— "E quem mais ia conseguir fazer o Beto comer? Ela era a única que sabia convencê-lo.

Quando ela foi embora, eu passei a dar de comer ao Beto. Mas fazia tudo para distraí-lo sem nenhum resultado.

— "Então, seu esforço não deu resultado . . ."

— "E ainda por cima ele ficava com raiva de mim! Eu tinha que lutar porque sabia como o alimento era importante para ele.

Acho que foi isso que o fez me odiar até hoje.

Quando me acontece brigar com meu marido, o Beto fica sempre do lado dele.

Nunca reconheceu os sacrifícios que tenho feito para o seu bem".

— "Quer dizer que os dois costumam brigar diante do filho . . ."

— "Isto é outra estória, doutor.

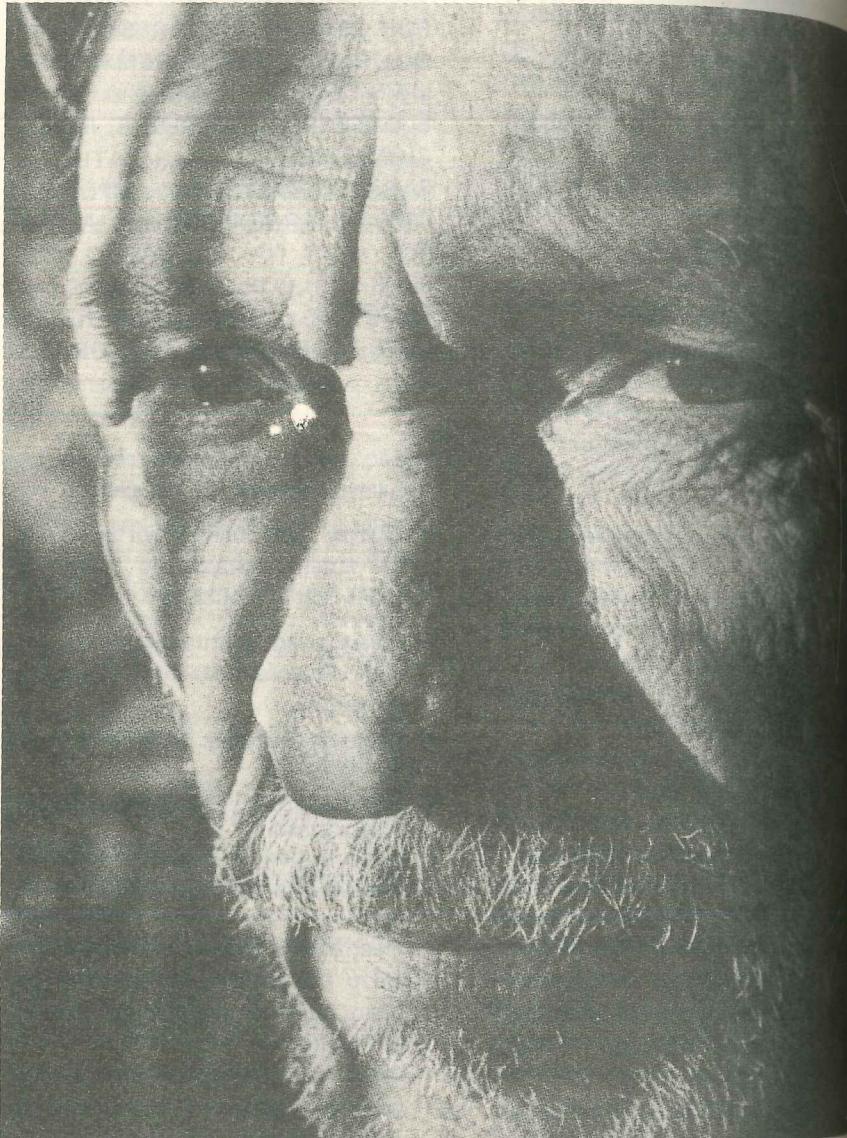
Haveria muito que contar. Mas prefiro viver sozinha o drama do meu casamento. A única coisa que quero agora na vida é o bem do meu filho. Ele tem tudo para ser um menino feliz, com uma mãe dedicada e amorosa, e no entanto deu nisso. Não vejo uma só razão para ele ser assim".

— "Eu vou lhe apontar algumas razões".

LEIAM ESTE TEXTO ANTES DA REUNIÃO E FAÇAM APONTAMENTOS PARA QUE A SUA PARTICIPAÇÃO NO DEBATE SEJA MAIS ATIVA E FECUNDA. SE O ASSUNTO FOR DE MUITO INTERESSE PARA O GRUPO, DESDOBREM-NO EM MAIS DE UMA REUNIÃO. O TEXTO É EXTERNO E ABRANGE, INTENCIONALMENTE CARICATURAL, PARA DESTACAR UM AMPLIO LEQUE DE ERROS COMUNS A MUITOS PAIS NA EDUCAÇÃO DOS SEUS FILHOS. ESCOLHAM AS QUESTÕES QUE CONSIDEREM MAIS ADEQUADAS AO GRUPO.

- São mesmo comuns as falhas dos pais na educação dos filhos?
- Quais as falhas mais importantes que se podem destacar do relato da mãe? Como explicá-las?
- Quais seriam as atitudes corretas em cada situação destacada? Exemplos concretos.
- Quais os objetivos fundamentais da educação?
- Quais as exigências básicas para ser bom educador?
- Quais as condições específicas para que uma família seja educadora na fé?
- Que relação se pode estabelecer entre o comportamento da mãe e o novo papel da mulher no mundo moderno?
- Que influências podem ter as relações conjugais no desenvolvimento da personalidade dos filhos?

# quem tudo quer...



"O velho coronel Jurandir é um homem bom".

Todos os que trabalham em suas terras confirmam essa opinião.

A vida é dura mas a terra é boa. Todos trabalham de sol a sol e o sustento é garantido. As famílias ficam com metade do que produzem e o coronel empresta o caminhão para levarem a produção para a cidade. Além disso, foi o primeiro a respeitar as novas regras do FUNRURAL. Suas terras são as mais produtivas da região. Não é pela qualidade das terras. É pelo ânimo dos que trabalham nelas. Se alguém fica doente ou se machuca, o coronel vai logo no farmacêutico e às vezes chama o médico da cidade.

Mas todos vivem preocupados e inseguros.

O coronel Jurandir já está muito velho. E seu filho não é como ele. Vive criticando o pai pelo que chama de "excessiva liberalidade do velho".

Quando assumir a direção da fazenda vai mudar "muita coisa errada".

Cada homem que trabalha vai ter um salário certo, igual ao que se paga a qualquer trabalhador na região. "E não der produção, vai embora".

"É preciso criar uma organização de empresa moderna em nossas terras".

"Temos que controlar a produtividade e racionalizar o trabalho, de acor-

do com as necessidades e tendências do mercado consumidor".

Foi o que ele aprendeu no curso que acabou de fazer.

Do outro lado da colina, uma Empresa Agrícola está fazendo o mesmo. Nas suas terras produzem muito menos do que as do coronel Jurandir, que nunca estudou, mas que se sente responsável pelas pessoas e famílias que produzem a sua própria riqueza.

**EXAMINE A REALIDADE À SUA VOLTA. FALE SOBRE ELA. EXPLIQUE QUAIS AS FORMAS DE TRABALHO MAIS COMUNS NA SUA REGIÃO.**

- As novas formas de organização das Companhias Agrícolas estão melhorando as condições de trabalho no campo? Por que?
- As máquinas, tratores e colhedeiras, estão favorecendo os que trabalham no campo? Como? Por que?
- São comuns os proprietários de terras que procedem como o coronel Jurandir?
- Quais os maiores problemas, atualmente, para as famílias que cultivam a terra?
- A Igreja, na sua região, tem demonstrado interesse pelos camponeiros e posseiros?

# amor e “amor”: tres estórias



I Ele é inteiramente dedicado e fiel à esposa. Vive para ela, protege-a e a possui inteiramente. Como se fora da parte de si mesmo.

Domina-a totalmente, obsessivamente. Ela se sente anulada, humilhada, explorada mas aceita essa dependência total do marido.

Será isso amor? Ou será antes uma paixão sem integridade, esta em que um dos parceiros se anula, absorvido pelo outro?

II Será que é serem dois-em-um, ou serem permanecendo dois?

Eles se sentem fortemente atraídos mutuamente um pelo outro. Sua vida sexual se caracteriza por uma excruciante atividade sexual biologicamente anulada.

A paixão e espiritualmente não têm afinidades. A própria felicidade do parceiro não os preocupa muito. Sabe que o prazer sexual lhes é garantido, nada mais importa.

É isto suficiente para o amor e a felicidade duradoura? Correm, os dois o risco do enfado, do fastio,

da rotina? E quando se reduzir esse interesse sexual, o que restará?

O sexo é expressão do amor mas será o amor decorrência natural do prazer sexual?

III. Eles se amam tanto, que não amam mais ninguém, para dedicarem um ao outro, com exclusividade, toda a sua capacidade de amar.

Fechados, isolados do mundo, pretendem construir uma felicidade-a-dois, na qual não terão parte os outros, intrusos indesejáveis.

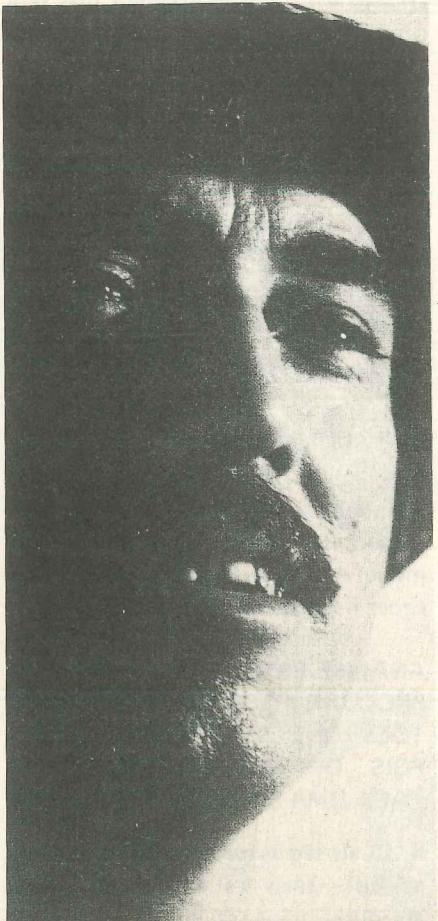
Pode haver amor assim?

Em vez do amor, não estarão construindo um perigoso e instável egoísmo-a-dois? Alguém poderá amar de modo adulto, a uma pessoa, se não é capaz de amar todas as pessoas?

**ANALISE ESTES TRÊS CASOS E PROCURE RESPONDER AS QUESTÕES QUE SE COLOCARAM DEPOIS DE CADA UMA. DEPOIS FAÇA UMA SÍNTESE:**

- Quais são as características do amor adulto? Quais as exigências para o amadurecimento do amor?

## depois de um dia duro



No trem apinhado, Pedro está voltando para casa, depois de um dia de trabalho pesado. Pensa na vida. Sente-se muito só. Chega tarde em casa, quase não vê a mulher e os filhos. Demais tem biscoite para o dia todo. "O salário só não dá". / Ele sente necessidade de conversar com a família e com os outros. A casa é pobre e pequena. / "Mas se o tempo sobrasse, dava jeito de puxar um papo bom com os filhos. E com a Maria. Até com vizinhos". / A falta de tempo é demais. Todas as chances. "Falta de tempo e cabeça quente".

No trabalho ninguém que sabe conversa. O horário é puxado e aí se reunisse pra trocar idéias... ma acordou de madrugada. Todos querem saber todos iam poder se ajudar chegam cansados. A bôia, às 11 horas é fraca. Come-se depressa para apressar a hora de sono. Comprometer a noite curta.

No fim do dia, Pedro está estourado. / "Fim de semana, cada mês, só para isso?".

Pedro se anima. A esperança renasce. Hoje ele está ansioso pra chegar em casa. Hoje ele não vai briguar com a Maria. / "Juro!". / E quer conversar com o vizinho sobre essa idéia. / Domingo ele vai procura os vizinhos.

A VIDA DE PEDRO SE PARECE COM A VIDA DE MUITOS TRABALHADORES. MAS PEDRO TEM ESPERANÇA.

- Quais são os outros grandes problemas que a sua família tem que enfrentar?
- Como esses problemas se refletem sobre os filhos?
- O que se pode esperar quando muitas famílias se reúnem para conversar sobre seus problemas?
- É possível as famílias se ajudaremumas às outras? Dividir tarefas? Algum pode cuidar dos filhos das que trabalham longe de casa, por exemplo?
- A sua paróquia pode ajudá-los a desenvolver o espírito de comunidade?
- Qual a sua responsabilidade na melhoria das condições de vida de sua família e da sua comunidade, mesmo tendo tão pouco a dar?

# escreve o leitor

"Gostei imensamente da seriedade e do bom-gosto com que foi preparada, vindo preencher uma lacuna nas publicações brasileiras no gênero". — Alceu Amoroso Lima.

"parabéns pela linha belíssima. O nº 2, com a entrevista do Dr. Alceu, abre perspectivas novas para a Família". — Branca Alves (do Conselho Mundial de Leigos do Vaticano) - Rio-RJ.

"Está magnífica. Esperamos ansiosos o próximo número". — Ignácio e Magui Laza, Panamá - PANAMÁ.

"A revista é de bom conteúdo e esperamos colocar os temas abordados em discussão em nossa Equipe". — Ermelinda e Lorici Probst - Curitiba - PR.

"Está ótimo. A entrevista com Alceu Amoroso Lima foi muito feliz. Os artigos muito bons. Continuem". — Dr. Pedro e July Roumié - Belém - PA.

"Impressionou-nos por sua estupenda apresentação e interesse dos temas". — Manuel e Marta Chávez - Presidentes Nacionais do MFC-MÉXICO.

"Forma moderna de visualização e comunicação, conteúdo corajoso e

atualizado". — Boaventura e Emy Lemos - Bagé - RS.

"Magnífica idéia, temas atuais e profundidade. Ansiosamente aguardamos o próximo número". — Amauri e Maria Terezinha - São Maria - RS.

"aguardamos o próximo número. O primeiro foi excelente". — Leonor Stella Maria Pequeno - Presidente Estaduais - MFC-MG-Belo Horizonte.

"Foi bem aceita, embora para alguns a linguagem seja um pouco difícil". — Eurico e Wine Souza - Lago da Pedra - MA.

"FATO já demonstra o potencial que tem e será de imensa valia para cada família". — Deonil e Corte S. Caetano do Sul - SP.

"FATO agradou quanto ao alto conteúdo". — Adelino e Zilda Florianópolis - SC.

"O 2º número está excelente em todos os aspectos". — Humberto e Olívia Mazzolli - Joinville - SC.

". . . pelo que já vimos está acima de nossas expectativas". — José Nohme Assis - Belo Horizonte - MG.



## doce de leite CCPL

Se já era delicioso o Doce de Leite CCPL, ficou ainda mais saboroso com o sabor de coco, chocolate e amendoim. Elaborado de leite pasteurizado, sempre cremoso e fresco, o doce de leite CCPL é um alimento saudável, rico em vitaminas e proteínas.

UM PRODUTO  
**CCPL**

COOPERATIVA CENTRAL DOS PRODUTORES DE LEITE LTDA.

**uma delícia de sabores...**